

O DESEMBARQUE



AFZ solidária no combate à Covid-19



Editorial	
No mar e onde necessário...	3
Covid 19 - A AFZ e a pandemia	
Resposta a um apelo solidário	4
Cooperação Técnico-Militar	
NRP Zaire 2 anos a contribuir para a segurança marítima em São Tomé e Príncipe	
Uma Missão de Cooperação diferente	6
Dia da Marinha	
Dia da Marinha 2020 (Virtual)	9
Corpo de Fuzileiros	
Equipa de Abordagem na Operação Corymbe 149/19	
(Embarcada no navio de comando e reabastecimento francês Somme)	10
DYNAMIC MARINER/FLOTEX 2019	11
Força de Apoio de Combate – FFZ 3	12
Exercício GRUFLEX 20	13
A Fábrica de Botes do Corpo de Fuzileiros	14
Formação no Instituto de Ciência e Inovação	
em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial (INEGI)*	16
Dia do Fuzileiro	
Dia do Fuzileiro 2020 – Cancelamento	17
Pensamentos & Reflexões	
Ontem, hoje e amanhã: fuzileiro sempre	18
Ser igual ou ser semelhante?	20
“Correção...”	22
Notícias	
Carlos Prates – Fuzileiro e Campeão de Jiu-Jitsu	23
Comando da Zona Marítima dos Açores	
Tomada de posse e Apresentação de cumprimentos AORN	24
Melhoramentos no Snack Bar/Restaurante da AFZ e Salão Polivalente	26
Escola de Fuzileiros	
59.º Aniversário – Dia da Unidade	
Cerimónia de Entrega de Comando	27
Conversa entre Fuzileiros	
Conversa entre Fuzileiros	29
Crónicas	
Estórias à volta da Operação Leopardo (Ou o nacional-desenrascanço) – Parte I	31
Grandes Figuras da História – Napoleão Bonaparte e as Invasões Francesas em Portugal	34
Homenagem	
20.º CFORN RN FZ ... “partiu” mais um dos seus!	37
Divisões	
Divisão do Mar e das Actividades Lúdicas e Desportivas	38
Cadetes do Mar	
Unidade do Corpo de Cadetes do Mar Fuzileiros	39
Delegações	
Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA)	41
Delegação de Fuzileiros da Beira Alta (DFZBA)	42
Delegação de Fuzileiros do Douro Litoral (DFZDL)	43
Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas (DFZJE)	44
Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima (DFZPM)	45
Núcleo de Fuzileiros Motociclistas (NFZM)	45
Rádio “Filhos da Escola” (RFE)	46
Convívios	
Grupo de Fuzileiros dos Açores – Jantar de Confraternização	47
Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 10 – Angola 1969-71	48
Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 10 – Moçambique 1974-75	50
Obituário	51
Diversos	51



**Publicação Periódica da
Associação de Fuzileiros
Revista n.º 36 • Junho 2020**

Propriedade

Associação de Fuzileiros
Rua Miguel Pais, n.º 25, 1.º Esq.
2830-356 Barreiro
Tel.: 212 060 079 • Telem.: 927 979 461
email: afuzileiros@gmail.com
www.associacaofuzileiros.pt

Edição e Redacção

Direcção da Associação de Fuzileiros

Director

Manuel Seabra

Director Adjunto/Editor Principal

Benjamim Correia

Colaborações

Delegações da AFZ, CM, JR, LS, BC,
Ribeiro Ramos, Miranda Neto, José Horta,
Paulo Gomes da Silva, Adelino Couto,
Elísio Carmona, Jorge Monteiro e
Vidal de Rezende

Fotografia: Ribeiro, Afonso Brandão, Mário
Manso, António Fernandes e MLS

Capa: Manuel Lema Santos

Coordenação e produção gráfica

Manuel Lema Santos
mlema@mlemasantos.com

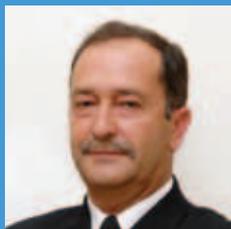
Impressão e acabamento

GMT Gráficos, Lda.
email: comercial@gmt.pt

Tiragem

2.000 exemplares
Depósito legal n.º 376343/14
ISSN 2183-2889

Não reconhecemos qualquer nova forma de ortografia da
língua portuguesa mas, no respeito por diferente opção,
manteremos os textos de terceiros aqui publicados que
configurem outra forma de escrita.



Manuel Leão de Seabra

No mar e onde necessário...

A pandemia que vem assolando a humanidade desde o início deste ano, além de nos obrigar a conduzir a nossa vida particular com as necessárias precauções e preocupações, determinou um afastamento social que interfere, naturalmente, com o normal funcionamento das instituições, não ficando imunes a nossa Associação de Fuzileiros e as suas Delegações e Núcleos.

Para enfrentar este flagelo, tivemos de adotar algumas medidas e decisões excepcionais, tendo em vista não só o cumprimento das regras decretadas pelo estado de emergência nacional e estado de calamidade, mas também acautelar a nossa saúde e a dos nossos associados. Neste sentido, ao nível central, tivemos de cancelar as comemorações do 43.º aniversário da AFZ e suspender/adiar a Assembleia-Geral Eleitoral, entre outros eventos significativos para todos nós. Ao nível regional, a situação não é nem podia ser diferente pelo que, sem outras alternativas, também foram cancelados/adiados momentos significativos que serão recriados assim que a normalidade possível regressar às nossas vidas pessoais e institucionais.

Pese embora estas grandes limitações, que mexem com quase tudo e com quase todos, acreditamos que a nossa Associação de Fuzileiros não será abalada com esta pandemia, antes pelo contrário, sairá reforçada em importância, credibilidade e respeito institucional, entre outros aspetos que tanto honram e orgulham os nossos associados. A solidariedade, que nestes momentos difíceis, é o sentimento e atitude que mais se espera das instituições, tem sido e vai continuar a ser praticada pela AFZ, junto dos seus associados e das instituições mais carenciadas, até onde os nossos limites o permitirem. Só assim, foi e está a ser possível manter em funcionamento o nosso Snack-Bar, dentro das limitações governamentais impostas, bem como em parceria com o nosso concessionário, desencadear duas ações de apoio solidário, juntando-nos à “Linha da Frente” deste combate assimétrico, designadamente junto da Proteção Civil, da PSP, da GNR e do Hospital, todas importantes instituições do concelho do Barreiro.

Com este gesto, sem intenções de protagonismo, pretendemos passar uma mensagem à população e demais instituições deste concelho: “Juntos, tornaremos a vida destes combatentes, um pouco mais facilitada!”.

Hoje, como sempre, continuamos na “Linha da Frente” na defesa dos interesses de Portugal e de todos os Portugueses, outrora na “guerra do Ultramar” e depois no combate aos incêndios, nas cheias do Tejo e em Moçambique, no processo e estabilização de Angola e Timor, no apoio aos Fuzileiros de Cabo Verde e da Guiné, no combate à pirataria no Corno de África e numa infindável lista de combates e apoios que caracterizam os Fuzileiros e os tornam nesta força nacional tão especial. Atualmente apoiamos e combatemos a COVID-19 na “Linha da Frente”.

No mar e onde necessário... estamos prontos e presentes! Sempre!

Manuel Leão de Seabra
Presidente da Direção



Resposta a um apelo solidário

No jornal «Público» do dia 31 de Março de 2020, veio noticiado um apelo aos cidadãos, para que fizessem chegar ao Hospital Central do Barreiro-Montijo, ajudas a nível de desinfeção (máscaras, desinfetantes, fatos de proteção), ou bens alimentares para as equipas de serviço da “Linha da Frente”, equipas essas atualmente muito reforçadas, dada a pandemia em curso.

Cientes da rápida evolução desta pandemia, provocada pela covid-19 e tendo em conta que o futuro é imprevisível, a administração do hospital decidiu lançar este apelo num comunicado divulgado no seu site oficial.

Em resposta, a Associação de Fuzileiros, em parceria com o Concessionário do nosso *Snack-Bar*, não conseguindo ficar indiferentes a este apelo, por questões de solidariedade e humanismo, mas também pela estima e elevada consideração que têm pela população barreirense, no geral e pelas entidades responsáveis pela Câmara Municipal e pelo Centro Hospitalar do Barreiro, em particular, desencadearam duas ações de apoio solidário (nos dias 03 e 15 de Abril) junto da Proteção Civil, da PSP, da GNR e do Hospital, todas importantes instituições do concelho do Barreiro.

Num dos contactos efetuados com as entidades responsáveis no sentido de se coordenar as entregas, o Sr. Presidente



da Câmara Municipal do Barreiro, também por inerência, o responsável pelo cabal funcionamento do Serviço Municipal de Proteção Civil, manifestando já uma certa saudade do “Cozido à Portuguesa” servido no *Snack-Bar* da AFZ, solicitou o fornecimento deste prato aos elementos que integram o “Posto de Operações do Barreiro”, instalado na Escola de Santo André, onde a incansável Proteção Civil – Presidente da Câmara, Bombeiros, PSP, GNR, entre outras entidades e instituições – têm estado diariamente, horas a fio, tentando

controlar a situação pandémica do concelho, desenvolvendo as atividades consignadas nos diversos domínios de atuação e cumprindo os objetivos governamentais definidos.

Acertados todos os pormenores relacionados com as entregas, quer no Posto de Operações da Proteção Civil, quer no Hospital do Barreiro, foi tempo de se meter “mãos-à-obra”, ou seja, criar uma logística capaz de confeccionar a alimentação e providenciar a loiça, talheres, toalhas de papel, guardanapos e a selagem higiénica de todo este material.

Os cozidos, embalados em caixas devidamente fechadas e descartáveis, foram acompanhados de queijos fatiados, pão, águas de 1,5 l, bolo molotofe e do tão conhecido bolo de bolacha, uma “obra-prima” confeccionada pelo Bruno Palmela, cuja qualidade é reconhecida por todos aqueles que já tiveram o privilégio de o saborear.

Segundo o nosso Concessionário e a esposa, responsáveis pela distribuição alimentar do dia 03 de Abril, *foi difícil conseguir expressar a gratidão que sentimos nos olhos de cada um, homens exaustos, com poucas horas de sono, mas firmes numa luta sem previsão de fim. Jamais esquecerei as palavras de sentido agradecimento do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Barreiro, salientando que as*



ajudas eram escassas à data. Todas as embalagens levaram uma frase habitualmente dita por ele, que o deixou orgulhoso e feliz”.



Seguiu-se o Hospital onde foram distribuídos salgados (rissóis de camarão e croquetes de carnes), águas, sumos, leite, maçãs, bolos de bolacha (a nossa marca) e uma caixa de suspiros. “O médico que se encontrava na tenda da proteção civil instalada no Hospital, e a primeira pessoa

que nos recebeu e com quem falamos, ligou para a Chefe das Urgências e salientou orgulhosamente que só podíamos ser nós a ir lá fazer aquela doação porque ele, além de médico, também é Fuzileiro – Fuzileiro uma vez, Fuzileiro para sempre! - O destino tem destas coisas”.

A segunda ação de distribuição alimentar, desencadeou-se no dia 15 de Abril e foi realizada por elementos da Direção da AFZ e pelo casal nosso concessionário. Além da saborosa feijoada, foram distribuídos os tradicionais “mimos” já referenciados anteriormente.

Sem quaisquer intenções de protagonismo, com estes gestos solidários pretendemos, tão-somente, transmitir a seguinte mensagem à população e demais instituições deste concelho:

– “Juntos, tornaremos a vida destes combatentes da “Linha da Frente” um pouco mais facilitada... e eles merecem!”.

Temos conhecimento que outras instituições se uniram neste apelo solidário. Se foi, ou não, por força da nossa atitude, nunca saberemos!

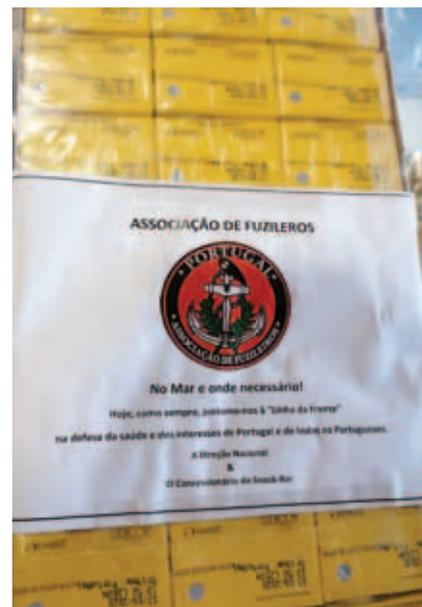
Resta-nos a certeza de termos cumprido mais uma importante missão que se vem juntar a muitas outras levadas a efeito por iniciativa de todos nós, quer a nível central, quer a nível regional.

Todas as refeições e demais “mimos” distribuídos foram acompanhados da seguinte mensagem da Associação de Fuzileiros:

– No mar e onde necessário! Hoje, como sempre, juntamo-nos à “Linha da Frente” na defesa da saúde e dos interesses de Portugal e de todos os Portugueses.

Missão cumprida!

Manuel Leão de Seabra
Presidente da Direção



UMA ASSOCIAÇÃO VIVA E PARTICIPADA

Sócio da AFZ,

As reuniões da Direção são normalmente abertas aos sócios bastando, para o efeito, comunicar com o Secretariado.

A Direção agradece todos os contributos que os sócios lhe queiram dirigir, sempre no sentido de melhorar o funcionamento da Instituição.

A Direção da AFZ

Rua dos Depósitos da Água, 339 - 1.º
2750-561 Cascais
Tel: +351 21 486 4755
E-mail: office@stgeorgesschool.pt
Web page: www.stgeorgesschool.pt

NRP *Zaire* 2 anos a contribuir para a segurança marítima em São Tomé e Príncipe Uma Missão de Cooperação diferente

O NRP *Zaire*, construído nos Estaleiros Navais do Mondego na Figueira da Foz, é aumentado ao efetivo dos navios da Armada em 22 de dezembro de 1971, sendo este o sétimo dos dez navios patrulha da classe Cacine. Um navio que foi construído para operar em missões de patrulha costeira e nos rios em África, quis o destino que fosse para o continente Africano já em pleno século XXI, naquela que poderá vir a ser a sua última grande missão.

Apesar da intensa vida operacional e da sua longevidade, com mais de 48 anos ao serviço de Portugal, o navio é alvo de um investimento/melhoramento no Arsenal do Alfeite, entre 2013 e 2015, possibilitando a sua projeção para África.

Partindo a 03 de janeiro de 2018, da Base Naval do Alfeite, é depois de 19 dias de viagem, acompanhado pelo NRP *Bérrio*, que

o navio chega ao arquipélago de São Tomé e Príncipe, a 22 de janeiro, para uma missão singular e de cooperação, com a incumbência da capacitação da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe e contribuição para a segurança marítima na região. Foi, nas palavras do então ministro da Defesa Nacional de Portugal, Azeredo Lopes, claramente evidenciado o papel do NRP *Zaire*, que “veio para promover a defesa e segurança marítima no Golfo da Guiné, a mais de 7.000 quilómetros de distância da base”.

Além do flagelo da pirataria marítima que assola as fronteiras marítimas de São Tomé e Príncipe, este país insular vê os seus recursos ameaçados, devido à pesca ilegal, poluição marítima, entre outros ilícitos. Portugal, por intermédio do projeto “Zaire”, procura contribuir para a segurança marítima na região e apoiar o desenvolvimento da Guarda Costeira santomense, conferindo assim aprendizagem e experiência aos seus quadros.



Recepção das autoridades e assinatura de protocolos entre o Estado Português e o Estado São-tomense



NRP Zaire a navegar em águas são-tomenses

A missão do NRP Zaire

Esta missão portuguesa é caracterizada pelo seu conceito particular. Revelando-se diferente de tantas outras missões de cooperação, só se torna possível fruto da boa relação entre os dois países lusófonos, que assenta na confiança mútua e permanente ligação com as autoridades políticas e militares são-tomenses. Centrada na promoção do ensino da arte de marinheiro, da experiência no mar e no treino operacional, esse mesmo conhecimento muitas vezes transvaza a própria estrutura militar e mistura-se com a população civil, enriquecendo um país que tem o mar como fronteira. Para além do conhecimento gerado, o projeto tem criado e melhorado algumas infraestruturas, sendo de realçar a construção de um sistema de comunicações rádio VHF, permitindo assim cobrir a zona económica exclusiva (ZEE) de São Tomé e Príncipe, a melhoria e operacionalização do Centro de Operações Marítimas e trabalhos de beneficiação das instalações da Guarda Costeira, assim como a instalação duma bóia de amarração na baía de Ana Chaves, que permite fornecer eletricidade aos navios que nela amarrem, desimpedindo assim o cais para outras embarcações. Em fase de projeto, de salientar o propósito de criação de uma enfermaria na Guarda Costeira e ainda o apoio na elaboração de legislação no âmbito das competências da autoridade marítima e do exercício da autoridade do Estado no mar.



Militares portugueses e são-tomenses a trabalhar diariamente, lado a lado, a bordo do NRP Zaire

Mas onde o projeto de Capacitação da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe se torna distinto de todos os outros, é na sua guarnição mista, em que militares portugueses e são-tomenses trabalham lado a lado, num ambiente de camaradagem e de confiança. Com mais de um terço de guarnição são-tomense, é nesta verdadeira ação conjunta a bordo, que estes dois países estão juntos no mar, proporcionando aos militares da Guarda Costeira experiência de mar e de operação de meios com as características de um navio patrulha. Esta guarnição é reforçada por elementos pertencentes ao Corpo de Fuzileiros, cuja missão se centra na proteção de força e no treino específico de abordagem a navios, e ainda na operação e manutenção de botes pneumáticos e respetivos motores fora de borda.

Dois anos depois...

Passados estão os mais de 2 anos de missão e o NRP Zaire conta já com mais de 800 dias em águas são-tomenses, onde navegou mais de 2400 horas e percorreu cerca 21400 milhas. No mar, realizou 12 ações de busca e salvamento, 24 ações de fiscalização conjuntas, 4 ações de segurança marítima no âmbito da pirataria e 7 vistorias a navios no mar, tendo identificado duas presumíveis infracções. Estes números resultam de um esforço conjunto entre Portugal e São Tomé e Príncipe, que possibilitou o exercício da autoridade do estado são-tomense na vigilância e combate a



NRP Zaire no apoio ao naufrágio do ferry entre ilhas, de nome "Amfitriti"

ilícitos no mar e contribuiu para a segurança marítima nas suas águas, face a fenómenos prementes na região, como a pirataria ou a pesca ilegal.

Para além do mais, o navio tem-se revelado fundamental para as ações de busca e salvamento na região, sendo de realçar o papel desempenhado pela Marinha Portuguesa aquando do naufrágio do navio "Amfitriti", que fazia a travessia entre as ilhas de São Tomé e do Príncipe, em abril de 2019. Uma missão que envolveu, para além do centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo (MRCC) de Lisboa, o NRP Zaire, uma equipa de mergulhadores e de fuzileiros da Marinha Portuguesa, que com o auxílio de *drones* e sonares rebocados, realizaram buscas durante uma semana. Nesta operação foram resgatadas e salvas 55 das 72 pessoas que estavam a bordo, sendo que 8 perderam a vida no acidente e 9 continuam desaparecidas. Todo o apoio prestado pela Marinha Portuguesa foi preponderante e reconhecido pelas entidades locais.

A toda esta atividade operacional podemos ainda acrescentar, a participação do navio em 8 exercícios internacionais, de promoção da Segurança Marítima no continente africano, tais como o OBANGAME EXPRESS 2019, o NEMO, o GRAND AFRICAN NEMO, entre outros. Fomentando a partilha de informação e troca de experiências entre os diversos atores na região, nomeadamente os países atlânticos da Europa, América do Norte e do Sul e África, treinam-se diversos cenários, tais como, a busca e salvamento marítimo, o combate à pirataria, a pesca ilegal, o tráfico de estupefacientes, de armas e de seres humanos. Com a Segurança Marítima sempre como horizonte, são aproveitadas também as presenças de unidades navais na região de São Tomé para a realização de exercícios de oportunidade, proporcionando desta forma uma experiência diferente à guarnição do NRP Zaire, em particular, aos militares são-tomenses.

Ainda no leque de atividade do "projeto Zaire", existem ações de cariz logístico, mais concretamente na ligação entre a ilha de São Tomé e a ilha do Príncipe realizando transporte de pessoas



Exercício com a equipa de abordagem são-tomense

e material essencial à subsistência da ilha mais pequena do arquipélago.

Todo este conjunto de missões, que o navio cumpre com sucesso, aliado às navegações de rotina para treino da guarnição são-tomense e patrulha dos 360° de oceano que circunscrevem o arquipélago de São Tomé e Príncipe, contribuem de forma relevante para a presença naval e vigilância dos espaços marítimos de elevada importância a nível geoestratégico no Golfo da Guiné.

Não só de mar vive a missão...

Mas não só de mar se faz a missão do NRP *Zaire*. Quando se encontra amarrado à bóia na Baía de Ana Chaves, o navio procura promover outras atividades que vão para além da sua manutenção operacional ou do seu papel de capacitação na Guarda Costeira, na formação nas mais diversas áreas, como saúde, limitação de avarias, abordagem a navios, manutenção, entre outras.



NRP Zaire amarrado à bóia na Baía de Ana Chaves



Visita dos alunos da Escola Portuguesa, em São Tomé, ao NRP Zaire

Para além disso, a relação de confiança e de trabalho que se tem desenvolvido ao longo destes dois anos junto da comunidade, levou o NRP *Zaire* a estabelecer protocolos e parcerias com entidades civis locais tais como a colaboração com Escola Portuguesa em São Tomé e Príncipe que, ao longo destes dois anos, levou mais de 500 alunos, maioritariamente são-tomenses, a visitar um navio da Marinha, o nosso Zaire. Receberam-se alunos de diversos anos de escolaridade, entre eles, os alunos do 11.º e 12.º anos, que no âmbito do seu projeto subordinado ao tema “500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães”, puderam ter o seu primeiro contacto com a vida no mar, uma vez que, para muitos, esta foi a primeira vez a bordo de uma plataforma naval.

Merece igualmente destaque o apoio que o navio e a guarnição têm proporcionado à proteção civil em situações de emergência, disponibilizando meios materiais e equipas técnicas, como foi no caso do combate ao incêndio que foi dado como incontrolável no navio “*Ville D’Abidjan*” atracado no porto de São Tomé. O conhecimento e experiência da guarnição do navio português neste tipo de incêndios a bordo, foi decisivo de modo a evitar um desfecho catastrófico, o que levou a que uma equipa da Marinha portuguesa fosse convidada a dirigir uma formação aos bombeiros locais.

Recentemente, também no porto de São Tomé, uma barcaça que efetuava o transbordo da carga dos navios cargueiros para o cais, carregada de contentores, começou a afundar, e se não fosse a rápida intervenção da guarnição do NRP *Zaire*, através da projecção de meios materiais e humanos, o desfecho desta situação certamente que não teria sido positivo, perdendo-se a carga dos 30 contentores e reduzindo a navegabilidade de uma área consideravelmente grande do porto.

O NRP *Zaire* prossegue a sua missão nas águas de São Tomé e Príncipe, com uma guarnição mista, constituída por militares portugueses e são-tomenses, dando assim continuidade à Capacitação da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe, mantendo uma elevada prontidão de atuação no âmbito da segurança marítima da região e dos navegantes. Mais do que a sua presença constante na paisagem da Baía de Ana Chaves, que já se mistura no quotidiano da vida da cidade de São Tomé, a permanência do navio da Marinha Portuguesa materializa-se num sentimento de segurança e confiança junto da população são-tomense, num projeto que em muito dignifica Portugal e fortalece os laços entre estes dois países lusófonos.

Colaboração do NRP Zaire



Exercício de combate a incêndio em navios, envolvendo o NRP Zaire e os bombeiros são-tomenses



Dia da Marinha 2020

(Virtual)

- 14.00h Batismos de mar
<https://youtu.be/z5LEGMRgblQ>
- 14.30h Desfile Naval
<https://youtu.be/Xz0LPmQXGRI>
- 15.00h Visite a Marinha
https://youtu.be/tytZj_ibfpM
- 16.00h Experiência Naval a 360° Realidade Virtual
- 16.00h Navio, Defesa Aérea
https://youtu.be/owYG_4zQf4w
- 16.30h Fuzileiros | Desembarque
<https://youtu.be/TjQPsmNm1bA>
- 17.00h MRCC | Salvamento no mar
<https://youtu.be/YP9XNLIfAzc>
- 17.30h As asas da Marinha
<https://youtu.be/KOPAUC5Dmfw>
- 18.00h O NRP Sagres na Rota de Magalhães
<https://youtu.be/LUR0eFlq2Mw>
- 19.00h Visita à Fragata D. Fernando II e Glória
<https://youtu.be/tOttDyyGVaM>
- 20.00h Testemunhos
<https://youtu.be/fxb0WSzhq4>
- 21.00h Embarque num Concerto pela Banda da Armada
<https://youtu.be/qxcWKHGfGs0>

Abraço naval!

Este ano, o Dia da Marinha foi comemorado de uma forma diferente, mas nem por isso menos calorosa.

Juntos pelo amor a Portugal e aos portugueses, os marinheiros recordaram os momentos que já viveram e que certamente voltarão a viver na presença física de todos.

No dia 20 de maio de 1498, Vasco da Gama chegava à Índia por via marítima e, 522 anos depois, os marinheiros embarcaram juntos numa viagem virtual.

Puderam assistir a todos os momentos de celebração, desde o içar da Bandeira Nacional, às mensagens institucionais, cerimónias militares, demonstrações e exposições momentos que poderão reviver nas hiperligações abaixo indicadas.

Aplaudiram e poderão continuar a aplaudir, um concerto memorável da Banda da Armada.

O *YouTube* foi a plataforma que passou para os marinheiros e para todos os portugueses, todos os eventos marcantes do dia que poderão continuar a ser vistos e revistos. Ficam aqui os momentos considerados de maior interesse:

Içar da Bandeira Nacional

<https://youtu.be/tpwVAsdgsaM>

Mensagem Institucional ALM. CEMA

Mensagem Institucional MDN

Grupo Dixieland da Banda Armada | Happening

<https://youtu.be/qAR3nQR2nSs>

Desfile Militar Coimbra

<https://youtu.be/QmcTxrIDqp4>

Demonstrações Táticas

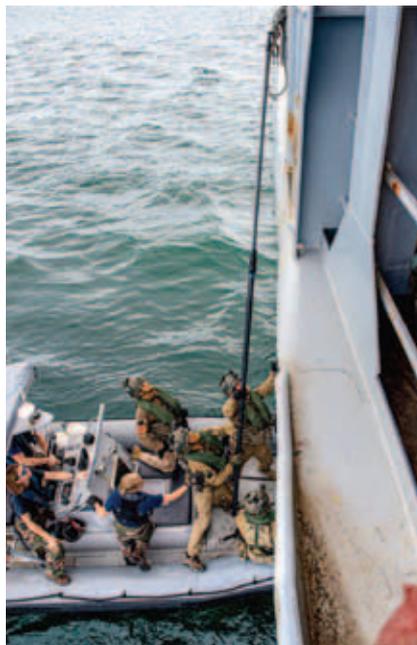
<https://youtu.be/3SOZqnhZhrQ>

Equipa de Abordagem na Operação Corymbe 149/19

(Embarcada no navio de comando e reabastecimento francês *Somme*)

Desde 2016, Portugal tem participado na Operação Corymbe, que visa a segurança marítima no Golfo da Guiné através da cooperação entre a França e os países africanos. Este ano, uma Equipa do Pelotão de Abordagem constituída como Força Nacional Destacada, composta por cinco elementos, embarcou no navio francês *Bâtiment de Commandement et de Ravitaillement* (BCR) *Somme*, de 23 de setembro a 20 de novembro de 2019.

Pelas suas características e tarefas, este navio é considerado de elevada importância e a sua proteção primordial, tendo já sido atacado por duas vezes no Golfo de Aden por piratas, respetivamente em 7 de outubro de 2009 e em 19 de abril de 2010. Nesta operação, atendendo à ameaça presente no Golfo da Guiné, houve um particular cuidado nos procedimentos e no dispositivo



de segurança, sob a responsabilidade do grupo proteção de força, composto por fuzileiros portugueses e *fusiliers marins* franceses.

Durante a missão foram realizadas várias ações de abordagem, operações de vigilância e proteção a campos petrolíferos, proteção de navio contra ameaça assimétrica e a participação, integrando a equipa de avaliadores e figurantes, no exercício de alta visibilidade *Grand African Nemo 2019*, em cooperação com vários países africanos, americanos e europeus.

A equipa de abordagem desenvolveu ainda diversas atividades de treino operacional, combinadas e próprias como: cenários Visit, Board, Search and Seizure (VBSS) / Close Quarters Battle (CQB), pistas de tiro, interação com lanchas, socorrismo em combate, comunicações e técnicas de “almagem”.

INFORMAÇÕES

Sócio da AFZ, actualiza os teus contactos e mantém-te informado!

A Direcção Nacional elegeu como objectivo prioritário a comunicação permanente com os seus associados.

Para cumprir esse objectivo o Secretariado precisa dos contactos dos sócios permanentemente actualizados: morada, telefone, *email*, etc.

Assim, solicita-se a todos os sócios que actualizem os seus dados para que tudo decorra com normalidade e a informação chegue aos seus destinatários em tempo útil.

Documentos de despesa com saúde

A Associação de Fuzileiros, através do seu Secretariado Nacional, disponibiliza aos seus associados o serviço de recepção e encaminhamento, para os serviços competentes, dos documentos de despesas com saúde.

A Direcção

DYNAMIC MARINER/FLOTEx 2019

Integrado no processo de certificação da componente naval da Força de Reação Imediata da NATO de 2020 (NRF2020), decorreu na *Sierra del Retin*, entre 6 a 18 de outubro de 2019, o exercício DYNAMIC MARINER/FLOTEx 2019.

O exercício teve lugar no Atlântico e no Mediterrâneo e teve a participação das Fragatas *Côrte-Real* e *D. Francisco de Almeida*, do Submarino *Tridente* e da Força de Fuzileiros n.º 1 (FFZ1).

Na Base Naval de Rota, procedeu-se ao embarque nos navios de projeção anfíbia; o porta-aviões *ESPS Juan Carlos I* e o navio polivalente logístico *ESPS Galícia*.

A FFZ1 integrou no segundo Batalhão Reforçado de Desembarque, pertencente à Brigada de Infantaria de Marinha da Armada Espanhola, perfazendo um total de 350 militares.

A 1.ª fase consistiu no *Combat Enhanced Training/Force Integration Training* que decorreu nos períodos de 8 a 13 de outubro. Nesta fase, foi dada ênfase ao incremento do potencial de combate e nos processos de integração entre as diversas forças militares participantes. Após uma integração consolidada a *Landing Force* participou num cenário de multiameaça assimétrica e operações convencionais na *Sierra del Retin*, treinando; Escoltas de transportes logísticos com realce nos processos de *force protection* em relação a engenhos explosivos improvisados; Operações de *Intelligence, Surveillance e Reconnaissance* – patrulhas de reconhecimento e operações com veículos aéreos não tripulados; Treino de tiro real – espingarda, pistola e atiradores especiais; Operações ofensivas – emboscadas, ataques e abertura de brechas; Operações defensivas – controlo de área e patrulhas de segurança; Apoio de fogos de morteiros, de artilharia e de fogo naval e *Close Air Support*.

Esta fase terminou com uma demonstração de capacidades de toda a força naval aos diversos representantes dos países pertencentes à NATO.

A 2ª fase, *Live Exercise (LIVEX)*, decorreu nos períodos de 13 a 18 de outubro, tendo como objetivo a execução de uma incursão anfíbia num contexto de uma *Crisis Response Operation*. Esta fase permitiu o emprego da Força em ambiente próximo da realidade, tendo atingido excelentes resultados e deixado uma imagem de credibilidade operacional junto dos países aliados da NATO.



Força de Apoio de Combate – FFZ 3



De acordo com a atual organização em vigor no Corpo de Fuzileiros (CF) e decorrente do Conceito Estratégico Militar de 2014, compete ao CF garantir permanentemente a prontidão de duas forças de escalão companhia (FFZ) para atribuição, respetivamente, à Força de Reação Imediata (FRI) e ao Conjunto Modular de Forças (CMF).

No contexto aludido anteriormente foi identificada a necessidade de edificar uma Força de Fuzileiros com objetivo de agregar as capacidades de apoio de combate existentes no CF. Consequentemente esta Força assegura a capacidade de apoio de combate às forças-tarefa, mormente do Batalhão Ligeiro de Desembarque (BLD), através da execução de ações de reconhecimento, de apoio de fogos, proteção contra blindados e manutenção dos sistemas de comunicações e sistemas de informação. Para tal, a força foi organizada em quatro grupos de combate distintos a fim de assegurar as referidas capacidades.

Para sustentar e certificar a edificação da força foi definido como necessário a condução de um período de treino dedicado e

de elevada intensidade. Esse treino, com a duração de três meses, não surgindo imponderáveis, decorre na Escola de Fuzileiros no período de janeiro a março de 2020. A Seção de Treino e Avaliação do CF ficará responsável pelo acompanhamento do planeamento, organização e controlo dos processos de treino da Força e terá a incumbência de avaliar e certificar a Força.

Para atingir os objetivos o plano de treino e avaliação foi organizado em três fases, respetivamente:

Fase 1

Assegurar que cada militar da Força atinge níveis de competência adequados nas áreas de base, à sua integração nos respetivos escalões de combate, designadamente nas áreas do Tiro de Combate, Topografia e Navegação, Comunicações e Socorrismo.

Fase 2

Integrar em equipas os militares anteriormente apontados e na posterior preparação tática das seções que constituem os diferentes grupos de combate. O treino incide na execução de tarefas de âmbito

técnico que no seu conjunto possibilitarão a execução de tarefas táticas.

Fase 3

Preparar os diferentes grupos de combate da Força para se constituírem como EAC do BLD e sempre que necessário das FFZ. Pode também integrar a Força de Desembarque (FD) na execução de uma operação anfíbia, com projeção a partir dos navios da Força Naval, utilizando os meios orgânicos previstos. Para tal a certificação incide no planeamento e condução de ações táticas àquele escalão, previstas no âmbito das operações anfíbias/terrestres.

Findo o processo de treino dedicado irá iniciar-se um período de correção dos aspetos técnicos e táticos que não tenham sido atingidos os padrões de treino determinados e a execução de um plano de treino orientado para a manutenção das qualificações individuais e dos diferentes grupos de combate*.

* O Plano de Treino está a ser afetado pelo surgimento da Pandemia Covid 19 o que obrigará a necessários ajustamentos.



Exercício GRUFLEX 20

O Corpo de Fuzileiros participou no exercício GRUFLEX 20 da Armada Espanhola, no período de 24 de fevereiro a 5 março de 2020, com a Força de Fuzileiros N.º 2 (FFZ2) do Batalhão de Fuzileiros N.º 2.

O exercício realizou-se no sul de Espanha, no Golfo de Cádiz e no campo de treino da *Infantería de Marina, Serra del Retin*.



A Força foi constituída por 60 militares embarcados no SPS Galícia (navio de assalto anfíbio) e integrou três militares no Estado-Maior da Força de Desembarque a bordo do SPS Juan Carlos I.

Teve a finalidade de garantir o adestramento periódico da capacidade anfíbia da Armada Espanhola, de modo a manter a adequada proficiência no planeamento e condução de operações anfíbias num ambiente de resposta a crises.

Para cumprir com os objetivos de treino estabelecidos, o exercício foi conduzido em duas fases:

- A primeira fase consistiu nos designados *Combat Enhanced Training* e *Force Integration Training* e decorreu no período entre 25 e 27 de fevereiro. Foi inicialmente dada ênfase ao incremento do potencial de combate e a processos de integração entre as forças militares participantes, após o que foi efetuado um ensaio de uma incursão anfíbia.
- Na segunda fase, 2 a 5 de março, realizou-se um *Live Exercise* (LIVEX), destinado ao treino de operações anfíbias em ambiente de resposta a crises, tendo sido realizada uma incursão anfíbia num cenário de multiameaça assimétrica e também operações convencionais na *Serra del Retin* com as seguintes especificidades: patrulhas de reconhecimento; controlo de itinerários; controlo de área e patrulhas de segurança.



Concluiu-se que a colaboração com a Armada Espanhola e em particular, com a *Infantería de Marina*, foi uma excelente oportunidade para os Fuzileiros treinarem técnicas, táticas e procedimentos, dentro e a partir de navios anfíbios, permitindo garantir a manutenção dos exigentes padrões de prontidão operacional no quadro das operações anfíbias. Permitiu, ainda, reforçar a interoperabilidade com esta força congénere, facilitando um possível emprego futuro combinado, no quadro da defesa coletiva e/ou da segurança cooperativa.

PROTÓCOLO COM ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS MEDICINA DENTÁRIA

- IMPLANTOLOGIA
- ORTODONTIA
- PERIODONTOLOGIA
- DENTISTERIA
- ENDODONTIA
- ODONTOPEDIATRIA

OPEN Smile
INSTITUTO MÉDICO E DE FORMAÇÃO

PRACETA FERREIRA DE MIRA, 1C
QUINTA NOVA
2820-273 CHARNECA DA CAPARICA
OPENS.MILE.GERENCIA@GMAIL.COM

CONTACTOS:
910 263 545 · 218 209 602

A Fábrica de Botes do Corpo de Fuzileiros

A Fábrica de Botes é um exemplo de gestão de projeto num período marcado por fortes restrições orçamentais. O relevante investimento teve como objetivos principais dotar o espaço de condições e ferramentas adequadas e, sobretudo, proporcionar as melhores práticas ao nível de higiene e segurança no trabalho aos militares que ali servem.

BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

É com o aparecimento das borrachas sintéticas, em resposta ao esforço da segunda guerra mundial, que os Botes Pneumáticos (BP) ganham dimensão mundial, em grande medida pela mão da francesa *Zodiac*.

No contexto militar naval português, são as características dos territórios ultramarinos, em particular da Guiné, conjugado com o conceito de emprego da recriação dos Fuzileiros (FZ) de 1961, que levam os BP a ter um papel de relevo na guerra colonial. Hoje, o conceito de emprego tal como descreve o CTEN Turíbio de Abreu: “A utilização do bote de borracha é muito variada. Como o «jeep» ou o helicóptero, serve para tudo e mais alguma coisa: patrulhas, emboscadas, desembarques, transportes, trabalhos hidrográficos, socorros a naufragos, fiscalização de pesca e outras nos portos, rios e lagos, assistência a boias, faina de amarração à boia, serviço de mergulhadores, etc.”, continua válido e atual.

O esforço da guerra ultramarina e a flexibilidade de emprego do bote, implicaram um aumento significativo das necessidades da Marinha neste âmbito, pelo que coube, na altura à Fábrica Nacional de Cordoaria (FNC) a manufatura de botes, os quais foram designados de ZEBRO. FNC foi, contudo, encerrada na década de 90, e cedo o Corpo de Fuzileiros verificou que o mercado não oferecia BP que preenchessem os requisitos de qualidade exigidos pelos duros cenários de utilização dos Fuzileiros.

Esta dificuldade agravou-se substancialmente na segunda metade da década, fruto da imprecisão e restrição de algumas especificações técnicas, o que levou à impugnação de sucessivos concursos, originando que, de 1996 a 2000, a Unidade de Meios de Desembarque (UMD) não tivesse recebido qualquer bote.

Sem resposta do mercado externo, e por proposta da Direção de Abastecimento, o Corpo de Fuzileiros manufaturou em 2003 e, a

título experimental, 02 protótipos Tipo III. Esta tarefa foi atribuída à UMD, que criou, para o efeito, um pequeno grupo de 6 militares com experiência na reparação e manutenção de BP.

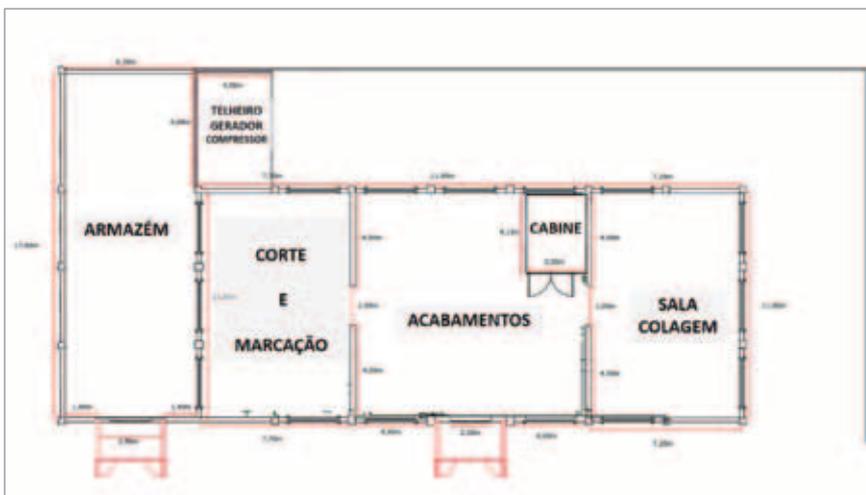
Com base nos bons resultados obtidos com estes protótipos, rebatizados de FUZOS, seguiram-se 10 anos (de 2004 a 2014) de manufatura, de forma sustentada e continuada, de BP da marca FUZOS. Estima-se terem sido manufaturados cerca de 90 botes Tipo III neste período.

A CAPACITAÇÃO DA FÁBRICA DE BOTES

Foi em 2014 que a Fábrica de Botes foi transferida para uma antiga sala de musculação num canto da Escola de Fuzileiros. Os fundamentos subjacentes à mudança basearam-se na necessidade de um espaço suficientemente amplo, que permitisse trabalhar simultaneamente em divisões diferentes a tela e a fibra. Já nas instalações atuais, o projeto de capacitação levado a cabo no último ano, teve como objetivo minimizar a exposição dos militares aos aerossóis e gases nocivos, melhorando as condições de higiene e segurança existentes, bem como, controlar a humidade, temperatura e poeiras da sala de colagem, procurando garantir condições ideais de colagem em qualquer época do ano.

A FB encontra-se instalada num edifício de construção em alvenaria, com cobertura térmica de cor verde. Com mais de 320 m² de área, o espaço está dividido em 3 divisões: **uma sala de marcação e corte; uma sala de colagem; e uma sala de acabamentos**. Nesta última, existe ainda uma **cabine de fibra e partículas finas** onde têm lugar praticamente todas as operações de “lixagem”. Adjacentemente, as instalações contemplam um espaço 110 m², com acesso independente e destinado ao armazenamento de matérias-primas e botes e, ainda, um telheiro nas traseiras onde se encontram abrigados o compressor de ar comprimido e o gerador.

As colagens são, muito provavelmente, o aspeto que mais influência a qualidade final do pneumático, principalmente nos trabalhos em tela *Hypalon-Neopreno* (HN) em que as colagens são executadas manualmente. Por isso, grande parte do investimento foi direcionado para o controlo minucioso das condições em que as colagens são efetuadas. Neste seguimento, a sala de colagem dispõe agora de um sistema de insuflação de ar aquecido através de uma resistência de 20 kilowatt (KW) que, em conjunto, com o isolamento proporcionado por janelas térmicas e telhado adequado permitem manter a temperatura desejada.





Outro aspeto relevante da capacitação, em particular do controlo de poeiras, prende-se, tal como referido anteriormente, com a aquisição e instalação de uma cabine com o propósito de confinar as poeiras e partículas finas. Destaca-se, também, um aspirador industrial para controlo de poeiras, em particular, na limpeza de partículas resultantes da preparação da tela. Este equipamento flexível, tem a possibilidade de ser ligado à ferramenta de rebarbação e eventual utilização para limpeza de bancadas e pavimento. De notar ainda que foi aplicado, em todas as divisões da FB, um revestimento industrial no pavimento com o objetivo de facilitar a limpeza, corrigir as imperfeições e evitar a concentração de poeiras nas juntas.

HIGIENE E SEGURANÇA

Os aspetos relacionados com a higiene e segurança no trabalho não são o aspeto mais visível do projeto de capacitação da FB, mas são por ventura o mais relevante, pois impactam no recurso mais valioso da organização, os militares.

As melhorias das condições de higiene e segurança são as descritas nos itens que se seguem:

- **Eletricidade e Iluminação:**
De acordo com a norma europeia (ISO 8995:2002), foram efetuados os cálculos e posterior instalação de 24 luminárias, modelo PROJOTOR INDUSTRIAL LED de 80 W, a 3 metros do solo, proporcionando a iluminação necessária nos planos de trabalho para operações de precisão (500 lux) contribuindo também assim para a rentabilização da energia elétrica. A intervenção realizada contemplou ainda a substituição integral da instalação elétrica, inclusivamente do quadro elétrico, proporcionando assim também uma melhoria nas condições de laboração, possibilitando operações em todos os compartimentos. Foi ainda alimentada o edifício através de um gerador permanente de 135 KVA, proporcionando assim a utilização de toda a maquinaria necessária;



- **Ruído:**
De acordo com o Decreto-Lei n.º 182/2006, de 6 de setembro, foi verificada a adequação dos protetores auditivos ao ruído emitido pela maquinaria, tendo sido ainda deslocado o compressor para o exterior das instalações e criada toda uma rede de abastecimento de ar comprimido em todos os compartimentos, melhorando o rendimento das operações de fabrico.
- **Poeiras, gases e partículas:**
De modo a reduzir ao mínimo o contacto dos operadores com gases, poeiras e partículas, foi instalada uma cabine de “fibragem” e colocação de extratores ao nível do solo na cabine e na sala de colagem.
- **Climatização:**
De modo a criar as condições necessárias tanto para a perfeição na colagem como para a saúde dos trabalhadores, foram substituídas todas as janelas do compartimento das colagens por janelas em PVC, com vidro duplo e corte térmica, tendo ainda sido instalada uma unidade de insuflação de ar, com possibilidade de aquecimento para manter o compartimento na temperatura desejável.
- **Sinalização de Segurança:**
Foi colocada sinalização de segurança em todos os postos de trabalho alertando para a perigosidade das matérias a manusear, da utilização obrigatória de EPI, da localização das saídas de emergência e meios de combate a incêndio;
- **Armazenamento de produtos químicos:**
Os produtos químicos encontram-se em armazém num compartimento ventilado, no exterior do edifício. Já os produtos a uso, ou em pequenas quantidades, como colas e diluentes, encontram-se num armário metálico dedicado no interior da sala de colagem. O referido armário tem aspiração e ligação



ao sistema de exaustão. Desta forma, evitou-se ao máximo o contacto com os trabalhadores, minimizando-se igualmente o risco de fonte de incêndio, explosão e/ou contaminação.

• **Piso:**

Foi efetuada reparação do piso, nivelando o mesmo, com posterior colocação de resinas *epoxy* proporcionando ambiente industrial “limpo”.

• **Formação e Informação:**

Foram adotadas medidas que permitam que todos os trabalhadores sejam sensibilizados para os riscos do trabalho que executam e que frequentem cursos de aperfeiçoamento em Higiene e Segurança no Trabalho na ETNA;

• **Ferramentas:**

Foram adquiridas novas ferramentas mais eficientes, através de plano de aquisição trimestral, em concordância com as já utilizadas noutras unidades de Marinha, almejando maior eficiência de produção e economia de escala na aquisição e operação.

Concomitantemente ao acima apresentado, foi efetuado um investimento relevante em equipamento de proteção individual, procurando melhorar o existente e padronizar com outras unidades de Marinha.

PERSPECTIVA FUTURA E CONCLUSÃO

Não obstante o esforço institucional na capacitação da Fábrica de Botes, subsiste o desejo de continuar a melhorar a infraestrutura e a capacidade de produção, nomeadamente, através do abastecimento com energia elétrica da rede, colocação de novo pavimento exterior e aquisição de maquinaria computorizada.

Em suma, a capacitação da fábrica de botes é projeto de referência que visa salvaguardar a manufatura do *ex libris* dos Fuzileiros na qualidade pretendida e, sobretudo, reduzir a exposição do pessoal aos riscos de saúde resultantes do tipo de trabalho que executam.

O Corpo de Fuzileiros procurará continuar a manufaturar BP de qualidade superior, ambicionando satisfazer as necessidades internas e de outras unidades, entidades e organismos, assim seja entendido superiormente.

Comando da UMD



Formação no Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial (INEGI)*

No quadro da capacitação da capacitação da Fábrica de Botes, e durante os dias 15 e 16 de julho de 2019, uma equipa de cinco Fuzileiros da Unidade de Meios de Desembarque, recebeu formação em materiais e estruturas compósitas no Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial (INEGI), no Porto. Os conhecimentos e técnicas adquiridos têm como objetivo a melhoria da qualidade dos botes pneumáticos manufaturados pelo Corpo de Fuzileiros.

A formação preparada pelo Departamento de Materiais e Estruturas Compósitas, teve como base o diagnóstico efetuado, por uma equipa daquele Instituto, durante a visita ao Corpo de Fuzileiros em 2018 e abordou, principalmente, a moldação líquida de compósitos através de processos de infusão e moldação manual.

Entre os destaques da formação ministrada, teórica e principalmente prática em laboratório, estão a escolha dos materiais e processos mais apropriados em função da dimensão, resistência à fadiga e corrosão, flexibilidade e peso do produto final.

A experiência proporcionada foi também frutífera no estabelecimento de contactos com pessoal especializado, mas também na identificação de fornecedores e, ainda, no esclarecimento dos riscos para a saúde associados aos trabalhos com resinas, endurecedores e fibras.

Durante dois dias, os Fuzileiros adquiriram novas técnicas e processos que muito enriquecem o pessoal e, certamente, serão convertidos em novos projetos com a marca “FUZOS”.

* O INEGI é uma Instituição de interface entre a Universidade e a Indústria vocacionada para a realização de Atividade de Inovação e Transferência de Tecnologia orientada para o tecido industrial. Nasceu em 1986 no seio do Departamento de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (DEMEGI) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). Com a figura jurídica de Associação Privada sem Fins Lucrativos e com o estatuto de «Utilidade Pública», assume-se como um agente ativo no desenvolvimento do tecido industrial Português e na transformação do modelo competitivo da indústria nacional.

Dia do Fuzileiro 2020

Cancelamento



O 1.º “Dia do Fuzileiro” ocorreu em 2009, numa iniciativa integrada do Comando do Corpo de Fuzileiros e da Associação de Fuzileiros em juntar anualmente, na “Casa Mãe”, todos os militares da boina azul-ferrete. Hoje, olhando para as onze edições já realizadas e para a presença, cada vez maior, de todas as gerações de fuzileiros e dos seus familiares e amigos, só podemos concluir que de uma ideia simples, se evoluiu para uma “Festa” grande, do tamanho da dignidade que achamos merecer.

O “Dia do Fuzileiro”, celebrado anualmente no primeiro sábado do mês de julho reveste-se, no presente ano, e por força da situação causada pela pandemia da COVID-19, de um contexto

excecional. Por este motivo, somos forçados a cancelar as comemorações do 12.º “Dia do Fuzileiro”, no respeito pelas normas estabelecidas pelas autoridades competentes e, principalmente, no respeito pela saúde de cada um de nós.

Estamos certos que esta alteração ao planeamento não vai comprometer futuras comemorações, antes pelo contrário, vai dar tempo para nos prepararmos, ainda mais e melhor, para as comemorações de 2021, acreditando que vai ser um ano de referência por permitir o regresso do “Dia do Fuzileiro”, exatamente no ano em que os Fuzileiros vão comemorar os 400 anos de existência.

Comunicado conjunto do Corpo de Fuzileiros e da Associação de Fuzileiros

Ontem, hoje e amanhã: fuzileiro sempre



António Vasconcelos Raposo

Anualmente, a nossa Associação Nacional de Fuzileiros realiza, em parceria com a Escola de Fuzileiros, o «Dia do Fuzileiro». Trata-se de uma iniciativa que corresponde aos diversos factores sociais que fazem do Fuzileiro uma importante referência no contexto passado e actual no que respeita à sua prontidão militar. Foi na guerra em África é, nos dias de hoje em teatros igualmente complexos e elevado risco. Mas, tal como no passado, também hoje a resposta será sempre: «**estamos prontos para o combate**».

A importância deste Dia do Fuzileiro ultrapassa, pelo seu impacto social, familiar e individual o encontro de um punhado bem alargado daqueles que em situações de grande emoção constituíram uma outra qualidade de família.

A guerra não acabou e nunca irá acabar na mente de quem participou nela.

Enganam-se os que afirmam o seu fim. A guerra feita em África mantém-se bem viva por quem lá passou.

Reinicia em cada encontro, projecta-se em cada história que se conta, perpetua-se nos silêncios da dor e das feridas por sararem.

Muitos, vêem-na, no espelho do trauma instalado, na injustiça diária, no esquecimento e na dureza gélida da indiferença.

Somos a geração que viveu um «antes» e um «depois» e também somos a geração que viveu as indefinições das transições.

A grande dificuldade foi, e é, o sobreviver à fase que persiste em ser uma quase eterna hipocrisia para os combatentes. É de propósito que excluo a palavra «ex». Fomos, somos e para mim

seremos sempre os Combatentes que merecem ser respeitados e para quem a sociedade e, a auto intitulada classe política, deve as iniciativas que possam ir de encontro às necessidades urgentes de muitos daqueles que hoje precisam de diversos tipos de ajudas.

Vivemos momentos históricos novos. Surgiram novas dinâmicas e novas exigências aos combatentes. Ainda hoje questiono sobre o pensamento daqueles que exigiram que da noite para o dia nos tornássemos amigos daqueles que combatíamos nas matas, nos rios e em outros locais que permanecerão secretos no Código de Honra dos Fuzileiros Especiais.

Como reagir, nos dias de hoje, aos desencontros históricos que colidem com os climas de combate que ainda arquivamos nas nossas mentes?

A guerra não sai do nosso interior. Está marcada, em muitos, pela dureza das cicatrizes, pela tristeza de quem perdeu um camarada em combate. Está bem viva na memória de quem ajudou um camarada gravemente ferido por uma mina que explodiu. Quem esquece o cheiro de carne humana queimada?

Foi por esta experiência que passaram várias gerações de combatentes.

Quando nos reunimos, recordamos episódios pitorescos referentes a este ou àquele camarada. E são estes os momentos que se encarregam de ir conservando a ideia de uma guerra sempre presente.

Mas também é, ao contar as experiências vividas que vamos exorcizando o que, dentro de cada um, se instalou.





Conservamos, de modo extremamente activo, a solidariedade criada nas picadas, na dureza da mata, nas emboscadas, nas passadas cuidadosas, mas sempre determinadas na persecução do objectivo de cada missão.

Só quem esteve no mato, nos rios e sentiu a adrenalina numa emboscada ou num assalto, a uma base inimiga, é que se pode sentir um «Fuzileiro Especial»

Na progressão, dificultada pelo terreno, pelo calor, pela falta de água, pelo peso de uma ração de combate irracional e perfeitamente desajustada da realidade em que todos actuavam, respondíamos rigorosamente à missão atribuída. Foram muitas aquelas que ficaram marcadas por uma progressão em caminhos mais complexos e com maiores dificuldades, mas, no final de um gigantesco esforço, tornava o assalto mais eficaz.

Cada progressão no mato, de um Grupo de Assalto, composto por fuzileiros especiais, era como um só corpo em movimento.

Construímos a solidariedade de combatentes na adversidade de cada dia e de cada noite que passávamos nos botes, na mata ou naqueles derradeiros momentos quando se davam os últimos passos antes do assalto final ao objectivo duramente procurado.

Aí, avançávamos gritando. Depois, depois regressávamos no silêncio da fadiga acumulada.

A nossa concentração era máxima e sempre exemplar. Os detalhes de cada progressão eram cuidadosamente respeitados. A reacção bem controlada. Sem precipitações.

Como um verdadeiro Destacamento de Fuzileiros Especiais mantínhamos um elevadíssimo controlo de fogo. Não se disparava por disparar. Muito menos o fazíamos quando eram detectadas



crianças e mulheres. Procurava-se outra solução e conseguimos sempre.

Quantas vezes sentíamos que andávamos, dia após dia, à procura de uma agulha escondida num palheiro maior que a nossa própria Pátria.

Tudo isto aconteceu. Tudo isto nos tornou Homens e cada vez mais Fuzileiros Especiais com uma perícia de combate altamente desenvolvida.

Foi assim durante dias, semanas, meses, anos.

Passou-se um tempo histórico e aqui estamos nós, com a nossa identidade inquestionável, bem definida e assumida com orgulho: «Fuzileiro uma vez, Fuzileiro para sempre».

Somos Fuzileiros e trazemos sempre connosco a nossa boina azul-ferrete. É nela e por ela que nos unimos.

Temos valores, princípios, normas, comportamentos, atitudes e responsabilidades por podermos ser portadores de uma boina cujo significado está para lá, muito para lá, do pedaço de tecido de que é feita.

Ser Fuzileiro Especial é assumir um comportamento de exemplo, de disciplina, de luta por um objectivo, de trabalho para superar todas as dificuldades que levem à vitória. Ser Fuzileiro Especial é acreditar no grupo, é saber que se tem o apoio de todos, é saber que ali, com ele, há quem esteja pronto para ajudar. Ser Fuzileiro é ser um corpo onde todos têm de funcionar em uníssono para que esse corpo possa viver bem, cumprindo, as missões que lhes foram confiadas. Quando uma parte funciona mal é esse corpo que sofre.

António Vasconcelos Raposo

In Fuzileiros Especiais Prontos para o Combate

Editora Âncora

A boina de Fuzileiro é o nosso símbolo. É o elo de ligação e de união de milhares de portugueses que conquistaram o direito e têm o privilégio de poderem gritar bem alto, com convicção e com orgulho «sou um fuzileiro português», ao que acrescento, e que integramos ao longo dos anos vários Destacamentos de Fuzileiros Especiais e, destas experiências, vividas como um colectivo ou individualmente, justificam este nosso dia realizado na casa por onde todos passámos e nos formamos como homens e fuzileiros.

António Vasconcelos Raposo

Sóc. Orig. nº 648

2TEN FZE RN 1972-1975



Jorge Oliveira Monteiro

Ser igual ou ser semelhante?

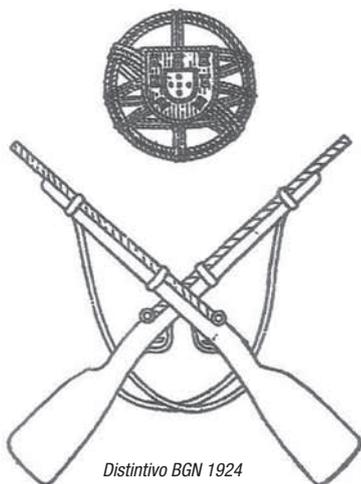
No número 32 de “O Desembarque” em que, sob o título “A Brigada de Fuzileiros”, abordei uma das fases da história dos fuzileiros — a primeira do século XX — referi que o distintivo da classe de fuzileiros, então criado, fora reintroduzido em 1961 quando da recriação das categorias de sargento e de praça. Nestes termos, o distintivo usado nesta segunda fase seria o mesmo do legislado em 1924.

Recentemente, um camarada paraquedista, companheiro da adolescência, com quem me cruzei, no meio da conversa de circunstância (ainda não tinha chegado o Covid...), levantou-me a questão, ou melhor, “à paraquedista dos anos sessenta” lançou-me um repto a propósito do que escrevi:

«*Afinal o atual distintivo dos fuzileiros é igual ao da Brigada de Guarda Naval ou é outro? - Pois o que escreveste não é claro!*».

Pareceu-me uma questão um tanto bizantina, porém, resolvi reler o que tinha escrito e também dar uma volta pelos distintivos dos fuzileiros no sentido de, na medida possível, aclarar o assunto.

Bem, é que isto das igualdades e dissimilaridades, seja no que for, anda na ordem do dia (esta da “ordem do dia” é deformação profissional) dos políticos e da comunicação social — a tal, fabricante das *fake news* — pelo que convém esclarecer bem as expressões, sobretudo as escritas.



Distintivo BGN 1924



Mannelicher

À vista desarmada (o jargão militar não nos larga; a falar de armas à vista desarmada; imaginem as dificuldades de um estrangeiro para aprender português!), ou seja, à primeira vista a configuração do distintivo de 1961, o atual, é semelhante à do de 1924.

O primeiro distintivo da classe de fuzileiros, estabelecido pelo Decreto n.º 10062 de 2 de setembro de 1924 que criou a BGN, era constituído por «duas carabinas cruzadas»¹; e o da unidade a mesma configuração «encimada por uma esfera armilar».

Sendo o distintivo criado na altura, e não havendo símbolos antecedentes, o modelo para o desenho das carabinas desta figuração, terá sido a *Mannelicher*. Carabina austríaca (concebida para a cavalaria) adotada na Armada em 1896 e que, até à década de trinta do século passado, «foi a arma que durante mais tempo equipou a nossa infantaria de marinha».

Foi, também, a arma individual de referência no “Manual de Instrução para a Infantaria de Marinha”, da autoria dos 1.º tenentes Fortée Rebelo e Soares Oliveira, editado em 1928; porém acabado em 1925 — no tempo da BGN. Ainda é utilizada em cerimonial pelos primeiros anos dos estabelecimentos militares de ensino: Colégio Militar e Pupilos do Exército.

A *Mannelicher*, substituída pela *Mauser* a partir de 1937, só foi ultrapassada em tempo de serviço na Marinha pela *H&K Gewehr 3* — mais conhecida por EAG3².

O corpo principal do distintivo dos fuzileiros, nos termos do regulamento de 1924 era formado por «duas carabinas cruzadas», o adotado em 1961, que se mantém, também é constituído por duas armas congêneres cruzadas, mas de modelo e traço modernizados.

Nos termos da Portaria n.º 18515 de 6 de junho de 1961 (que introduziu alterações ao Decreto n.º 42508 de 16 de Setembro de 1959, nomeadamente na alínea XX do artigo 46.º), o distintivo, em vigor, é formado por «duas pistolas-metralhadoras completas de cano curto de 0,012 m de comprimento, tendo cada pistola de comprimento total 0,055 m, cruzadas em ângulo de 110º, encimada o conjunto por uma âncora com haste em posição vertical, formando esta uma figura de 0,025 m de largura por 0,025 m de altura, ficando a cruz a 0,002 m do ângulo formado pelos fustes das pistolas». Na figura de apoio a esta norma aparece uma representação nítida da manga perfurada para arrefecimento do cano. A figura exemplificativa, equivalente, na Portaria n.º 91/71 (uma atualização ao RUPESPA) o desenho já não tem aquela representação da manga.

Aquando da conceção da versão inicial do distintivo, a pistola-metralhadora, vulgarizada durante a 2.ª G.M., era a arma individual do combatente da infantaria ligeira. Nas décadas de cinquenta à de setenta foi largamente empregada, sobretudo nas campanhas ultramarinas das potências europeias.

Portanto o tipo de arma adotada, por forças de assalto e especiais, na época em que os fuzileiros reemergiram em Portugal.

1 As duas espingardas/carabinas singelas cruzadas, ainda que não exatamente iguais e com ângulo diferente, figuram no RUPESPA (Regulamento de Uniformes e de Pequeno Equipamento para Sargentos e Praças da Armada) de 1959, como base das insígnias de atirador de primeira classe e especial — qualificações decorrentes do cumprimento das tabelas dos PTT (Planos de Treino de Tiro).

2 Segundo os desenvolvimentos recentes, a G3, dadas as comprovadas fiabilidade e robustez, após alguns upgrades, irá perdurar na Marinha por mais uns tempos. As atualizações, já incorporadas na totalidade das armas do BLD (Batalhão Ligeiro de Desembarque), constam essencialmente de um kit, constituído por: guarda-mão, coronha, e calha superior; que permite maior presteza, bem como a utilização de sistemas de pontaria sofisticados mais eficazes.

Face ao desenho, o perfil das armas do distintivo (atual), afigura-se reproduzir a pistola-metralhadora *Lanchester MK 1* (teve mais versões com configuração geral idêntica) de fabrico inglês, produzida a partir de 1941 e que, em Inglaterra, apenas a *Royal Navy* utilizou como arma de serviço, até ao início da década de sessenta. Período que coincidiu com uma fase de grande aproximação entre a Marinha Portuguesa e a Marinha Inglesa; em que, nomeadamente, decorreu a formação inicial dos fuzileiros portugueses e subsequente criação das unidades à imagem dos *Royal Marines*.



Marine RNavy c/pm Lanchester

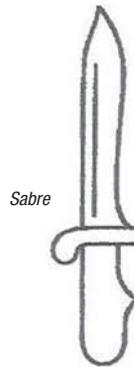


Distintivo da classe fz 1961

Em Portugal, a configuração da espingarda com baioneta ainda existe, pelo menos (e por enquanto...) no cabeção dos dólmanes das unidades da GNR com ascendência na infantaria.

Após 1961, o “sobre-baioneta” incorporou a simbologia dos fuzileiros, tanto no distintivo de fuzileiro-especial para oficiais como no da especialização para sargentos e praças. Neste, o sobre era aplicado abaixo das pistolas-metralhadoras, em simetria vertical com a âncora.

Provavelmente a inclusão de uma figura com



Sobre

o distintivo de 1961 (com ou sem sobre) no artigo, teria ajudado a evitar a dúvida do camarada paraquedista; bem como de outros leitores que terão tido a mesma dificuldade.

Face ao desafio do “ser igual ou ser semelhante” e no sentido de esclarecer a questão suscitada, poder-se-á dizer que os dois distintivos – o de 1924 e o de 1961 – ainda que com desenhos graficamente diferenciados, têm a mesma matriz, ou seja, são semelhantes. Porém, simbolicamente são iguais, pois ambos representam a especialidade e a classe de fuzileiros, se bem que em épocas distintas.

Encerrado este esclarecimento e como o período de (relativo) confinamento acrescentou tempo ao tempo, ocorreu-me que outras imprecisões poderiam ter passado no que tinha escrito para o “O Desembarque”.

Assim, reli os artigos publicados e em jeito de AIG (*Address Indicator Group*) redigi a “Correção” que se segue.

Jorge Oliveira Monteiro

Sóc. Orig. n.º 1072

Esta pistola-metralhadora³, ainda que de conceção inglesa, teve o ónus de parecer decalcada de uma das versões da alemã *Bergmann MP18* (a primeira pistola-metralhadora da história concebida e fabricada antes da 1.ª G.M.) ou da homográfica *Steyr M34*, também alemã.

Ambos, os distintivos FZ — o de 1924 e o de 1961 — são símbolos clássicos da, ou melhor, de infantarias: duas armas ligeiras cruzadas, ainda que com ângulos diferentes. Um pormenor: sem baionetas caladas — a baioneta (ou sobre) está simbolicamente associada a forças especiais ou similares. Distintivos com baionetas caladas não há registos na Armada, nos últimos cem anos.

³ Recordemos que a única arma deste tipo com projeto e fabrico português — a FBP (Fábrica de Braço de Prata), produzida a partir de 1947, que poderia ter servido de modelo, tinha contornos bastante diferentes. Com alguns aperfeiçoamentos/melhoramentos, a FBP foi amplamente utilizada pelo exército na Guerra do Ultramar; ainda se encontra ao serviço, essencialmente, para honras e protocolo.

Certifica-se que a empresa **ST. JAMES'S PRIMARY SCHOOL, LDA.** foi distinguida como **PME Excelência 2018** pela qualidade do seu desempenho e perfil de risco

PME excelência 18 | **IAPMEI** | **REPUBLICA PORTUGUESA** | **PME lider 18**

St. James' Primary School

ecis member | **"We believe in your future"**

Rua dos Depósitos de Água, 339 - 2750-561 Cascais - Lisboa - PT | Tel. (+351) 214 864 754 / 55 | Tm. (+351) 911 930 543
www.stjamescascais.com | jps.office@sapo.pt

“Correção...”

Palavra que, como a maioria dos fuzileiros se recordará, era utilizada no procedimento radiotelefónico das comunicações em fonia, para informar que alguma coisa que tínhamos dito antes estava errado, incorreto ou incompleto.

Termo também usado (no passado, hoje não sei) na linguagem militar do dia-a-dia, praticamente para o mesmo efeito, em alternativa ao “primeira forma!”.

Adotei-o como título desta pequena missiva em que assinalo algumas insuficiências dos textos que tive a oportunidade de publicar.

Após, há tempos, ter detetado um ou outro lapso, agora, beneficiando dos dias de detenção que nos foram aplicados pelo *almirante Covid*, tive tempo para rever os números da revista que guardei.

Assim, em jeito de balanço, da mais recente para a mais antiga, encontrei as seguintes necessidades de “correção”.

Na revista de março deste ano, para além de uma ou outra coisa fruto dos vários arranjos no texto, a nota 7 deveria ter ficado: «Além destes, também o cadete da classe de marinha Toscano Rico, do mesmo curso da reserva naval, frequentou o curso, tendo ficado Fuzileiro-especial. Possuidor de uma personalidade singular, na qualidade de oficial da reserva naval fez comissão em Angola, entre 1961 e 1964 nos DFE 1 e DFE 3».

Referi, também, que a primeira unidade de fuzileiros a operar em Moçambique, tinha sido o DFE 1, faltou «unidade tipo destacamento»; uma vez que a primeira foi a CF2 – unidade que fez a maior comissão: de outubro de 1962 a março de 1965.

Ainda neste texto, ouve uma óbvia troca nas legendas das duas últimas fotografias.

O número 33, de junho do ano passado, incluiu a crónica *Olé Fuzileiros! – Uma homenagem*, na qual faltou a autoria das palavras de homenagem, lidas na circunstância, bem como a autoria da crónica: eu próprio, também responsável pela omissão.

O artigo “*A Brigada de Fuzileiros*”, no número 32, de março do ano passado, teve um percalço, quando um *cut* terá sido teclado em

vez de um *copy*, o que levou ao desaparecimento da alusão ao primeiro manual de infantaria para os fuzileiros: o *Manual de Instrução para a Infantaria de Marinha*, redigido em 1925.

Na altura em que abordei os “*Estilhaços de Portugal*”, publicado no número 28, de novembro de 2017, pareceu-me que não viria a propósito incluir o caso do “estilhaçamento” do concelho de

Barcelos, ainda que deveras curioso. Não só curioso, mas certamente desconhecido pela maioria das pessoas, por isso o refiro agora. Este concelho tem nada mais nada menos (ou melhor mais) do que 61, sim sessenta e uma, freguesias, atualmente; já que até à reforma administrativa de 2013, tinha 86! E o mais é que, oficiosamente, ainda são consideradas as 86 só que reagrupadas em 61. Algumas com áreas inferiores a 5 quilómetros quadrados, menos de 1500 habitantes e mesmo uma — a de Carreira — subdividida, pois tem um exclave. Enfim, fiquemo-nos pela curiosidade...

A finalizar a série, uma situação das que lamentavelmente encontramos pelo país fora: o estado de abandono de alguns edifícios e construções históricas.

Em *O Desembarque* de março de 2017, no artigo *O Castelo do Almirante*, referi que o Cristo-Rei da Matagosa — uma construção alusiva à Marinha — tinha na base um medalhão em bronze com cerca de meio metro de diâmetro, encastrado numa placa de mármore escuro. No mês passado passei por lá, a somar ao estado de abandono de todo o conjunto, o medalhão tinha sido roubado (furtado para os juristas...) e a placa de mármore destruída. Tudo indiciando que a vandalização tivesse sido há bastante tempo. Recordo que o espaço tem quatro donos: duas câmaras e duas juntas de freguesia; ou talvez mais: alguma associação ambiental ou de conservação do património. Portanto, um caso a precisar de correção, com toda a propriedade.



Mapa do concelho de Barcelos



A terminar, não uma correção, mas um aditamento, para manter o moral em tempos *covidicos* (que isto do “19” tem que se lhe diga, pelo menos ali para as bandas da Caparica), junto uma relíquia alusiva aos fuzileiros: a revista *Defesa Nacional*¹ de setembro de 1965. Adquiri-a há alguns meses numa feira perto de Coimbra.

A revista, sobre os «fusileiros» apenas tem a capa, mas não deixa de ser uma memória escrita para a história dos Fuzileiros.

1 Revista fundada pelo comandante Soares de Oliveira, um dos oficiais da Brigada de Guarda Naval; também co-autor do manual de infantaria, acima referido.

Carlos Prates

Fuzileiro e Campeão de Jiu-Jitsu



HISTORICO DE ATLETA

Campeão bjj challenge 2018
 Campeão copa buffalo 2018
 Vice-campeão absoluto copa buffalo 2018
 Tri-campeão Nacional 2017\2018\2019
 Bi-campeão Nacional de Espanha 2018\2019
 Campeão Internacional em Munique 2018
 Bi-campeão Internacional Madrid 2018\2019
 Campeão NO-GI Internacional Madrid 2019
 3º lugar NO-GI Internacional Madrid 2018
 Campeão Internacional de Roma 2019
 Campeão Internacional Londres 2019
 Vice-campeão Internacional Londres Fall 2019
 Campeão NO-GI Internacional Londres Fall 2019
 Campeão Absoluto NO-GI Internacional Londres Fall 2019
 Campeão Nacional de Espanha sem kimono 2019
 3º lugar absoluto Nacional de Espanha 2019
 Vice-campeão absoluto Internacional de Lisboa 2019
 3º lugar Lisboa Internacional 2019
 Vice-campeão Absoluto Lisboa Internacional 2019
 Campeão Taça São Domingos de Benfica 2020

Carlos Prates, antes de ingressar nos Fuzileiros, já praticava a modalidade de “Saltos de Trampolim” onde chegou a ser Vice-campeão Nacional. No entanto a curiosidade e a força da esposa levaram-no até ao *Jiu-jitsu*.

Os princípios nem foram fáceis, mas conseguiu ultrapassar os constrangimentos iniciais e tornou-se, como já se referiu, num atleta de referência na modalidade.

Prefere o *Jiu-jitsu* porque nesta modalidade não se evidenciam classes sociais. Seja o praticante médico, advogado, juiz, almirante, comandante ou marinheiro, todos se respeitam de igual modo. Todas as lutas começam e terminam com um aperto de mão e de um abraço. Isto é muito importante para os praticantes. No entanto,

Carlos Prates tem consciência que o seu protagonismo a nível nacional e internacional também contribui para dignificar o nome dos Fuzileiros e da Marinha. Sempre tenta dignificar estas organizações com as suas vitórias!

Carlos Prates, 33 anos, Marinheiro Fuzileiro e sócio n.º 1292 da Associação de Fuzileiros, é o Português melhor colocado no ranking mundial na modalidade de *Jiu-Jitsu*.

Entre muitas outras distinções e títulos conquistados, do que mais se orgulha é de ser campeão nacional, título que obteve em três anos consecutivos.

É com orgulho que se apresenta como Fuzileiro e sócio da Associação de Fuzileiros nos torneios em que participa.

Competindo ao nível mais alto na modalidade ostenta agora a faixa roxa que tanto almejava.

Os fuzileiros sentem-se orgulhosos dos feitos desportivos deste camarada que denota um indomável espírito vencedor em todas as competições em que participa, contando no seu curriculum, entre muitos outros, com os seguintes títulos; campeão nacional, campeão ibérico campeão internacional de Munique, Madrid, Roma, Londres, Lisboa ...

O Marinheiro Carlos Prates entrou para a Marinha para a classe de Fuzileiros em 2005 e assume com orgulho o seu espírito vencedor quando diz. “Sou Fuzileiro, procuro sempre ficar em primeiro”.

Filho de pai “Comando” cedo se habituou a ouvir histórias de militares e foi pela mão do pai que se alistou nos “Fuzileiros” como voluntário e, assim, nasceu uma paixão que faz questão de demonstrar sempre que isso se proporcione.

Tendo interiorizado plenamente o objetivo de pertencer a uma Tropa Especial, a conquista da boina azul-ferrete foi o culminar de do seu denodado esforço, espírito de sacrifício e de conquista que mantém. No curso, na Escola de Fuzileiros, aprendeu como os seus instrutores que “o treino duro torna o combate fácil”, mentalidade que mantém tanto na vida militar como no desporto.

Dos “Instrutores”, a todos os níveis, diz ter recebido exemplos de nobreza de carácter que formataram também a sua maneira de estar na vida. Sente-se grato pelo que lhe transmitiram.



Entende também que os Fuzileiros podem fazer muito pela divulgação do *Jiu-jitsu* e vice-versa, promovendo demonstrações em grandes eventos como Juramentos de Bandeira, Dia do Fuzileiro, etc.

Importante é também tirar partido da divulgação dos vários êxitos que os Fuzileiros vão conseguindo em diversas modalidades.

Cabe aqui uma palavra de apreço pela forma como a Associação de Fuzileiros (AFZ) apoia as modalidades promovidas pela sua Divisão de Atividades Lúdicas e Desportivas (DMALD) nomeadamente provas de *Jiu-jitsu*.

Jiu-jitsu que é uma “arte marcial” situada em segundo lugar logo depois do *Karaté*. Tem provado ser a arte marcial mais eficaz de sempre.

Este é um retrato simples do campeão Carlos Prates, Fuzileiro, que acha que o fim do SMO foi um erro porque há valores que muitos



jovens nunca entenderão e que por isso as Forças Armadas terão sempre muita dificuldade em recrutar pessoal para as suas fileiras, o que também é mau para a sociedade em geral.

Convidado e proposto pelo camarada FZ mais antigo, Mário Manso, o Marinheiro Fuzileiro Carlos Prates é também sócio da Associação de Fuzileiros na convicção de que esta nobre Instituição une todos os que usam a boina azul-ferrete, estejam eles no ativo, na reserva, na reforma ou mesmo no outro mundo.

Nota da redação: A natural modéstia do camarada Fuzileiro e Campeão desportivo Carlos Prates não lhe permitiu dizer que já combateu com o campeão do mundo da modalidade e que venceu. Mas "O Desembarque" sabe.



Artigo preparado com a colaboração de Mário Manso (Sóc. Orig. n.º 76)



Adelino Couto

Comando da Zona Marítima dos Açores Tomada de posse e Apresentação de cumprimentos AORN - Ponta Delgada

Realizou-se na manhã do dia 19 de dezembro de 2019, nas instalações do Depósito POL NATO, em Santa Clara, a cerimónia de entrega do Comando da Zona Marítima dos Açores e tomada de posse dos cargos de Chefe do Departamento Marítimo dos Açores e de Comandante Regional da Polícia Marítima.

Numa breve resenha histórica dir-se-á que, no decurso da I Grande Guerra Mundial foi criado o Comando da Defesa Marítima dos Açores, que superintendia nos Comandos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, chefiados pelos respectivos Capitães de Porto, tendo sido extinto com o final da Guerra. No início da década de cinquenta é novamente criado, agora com carácter permanente, o Comando da Defesa Marítima dos Açores e poucos anos depois são inauguradas as novas instalações que ainda permanecem na Avenida Marginal. Porém, em 1958 é outra vez extinto, dando lugar ao Comando Naval dos Açores, que se manteve até 1994, passando a denominar-se Comando da Zona Marítima dos Açores (CZMA).

Compete basicamente ao CZMA garantir a vigilância dos espaços marítimos sob jurisdição nacional, tendo em vista o exercício da autoridade do Estado. Assegura ainda o funcionamento do Centro de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (internacionalmente designado MRCC Ponta Delgada), coordenando as acções relativas a acidentes ocorridos com navios ou embarcações e

disponibilizando unidades operacionais para busca e salvamento, uma das mais nobres missões que a Marinha desenvolve no enorme espaço marítimo envolvente às nove ilhas, obviamente com a inestimável contribuição da Força Aérea, do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores e ainda de todos aqueles que andam no mar, seja na marinha mercante, na pesca ou em recreio. O MRCC Ponta Delgada integra o Sistema Nacional para a Busca e Salvamento Marítimo, cobrindo a maior área da Europa



e a segunda maior do Atlântico Norte, com 5.2 milhões de km² e cerca de 56 vezes a área do território nacional.

Para que se fique com uma ideia formada da actividade desenvolvida, refere-se que desde a criação do Centro em 1994 foram recebidos 6789 alertas, tendo sido salvas 2688 pessoas. No ano passado, em justo reconhecimento desta nobre acção humanitária, no âmbito das cerimónias do dia da Região Autónoma dos Açores, foi atribuída a Insignia Autonómica de Valor, a mais alta Insignia atribuída pela Assembleia Legislativa, ao Comando da Zona Marítima dos Açores – Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada, sendo a primeira vez que tal Insignia foi atribuída a uma instituição.

O Núcleo dos Açores da Associação dos Oficiais da Reserva Naval (AORN), constituído há cerca de um quarto de século, tem mantido ao longo do tempo uma relação cordial e muita próxima com as estruturas locais da Marinha, especialmente com o Comando da Zona Marítima. E, como vem acontecendo, foi convidado a participar nesta significativa cerimónia presidida pelo Comandante Naval, Vice-almirante Henrique Eduardo Passaláqua de Gouveia e Melo, acompanhado pelo Subdiretor-Geral da Autoridade Marítima e 2º Comandante-Geral da Polícia Marítima, Contra-almirante Fernando Jorge Ferreira Seuanes, entidades que deram posse ao Comodoro Miguel Nuno Pereira de Matos Machado da Silva, em substituição do Comodoro José António Croca Favinha.

Numa cerimónia simples mas eivada de simbolismo foram prestadas as devidas honras militares pelas Forças em Parada, seguindo-se a leitura de louvores e imposição de condecorações a



diversos elementos da Marinha, donde sobressaiu a relativa ao Comodoro José António Favinha, que vinha exercendo o cargo desde 3 de Outubro de 2018, para além dos discursos protocolares.

Finda a cerimónia, teve lugar um almoço volante na residência do novo Comandante da Zona Marítima dos Açores, esmeradamente servido e onde não faltou o tradicional bacalhau à brás. A primeira vez que o saboreei foi na Escola Naval, nos idos tempos de 1971 e desde essa altura que o venho degustando nos mais diversos locais e eventos ligados à Marinha sempre com a mesma textura e palato inconfundíveis. Mudaram-se os tempos mas não se mudaram as vontades de o confeccionar desta forma única que só o pessoal marinho sabe executar. As condições atmosféricas adversas fizeram com que o evento se realizasse “dentro de portas”, com os normais constrangimentos de espaço, que não esmoreceram contudo o calor da conversa, o convívio e a afabilidade das pessoas, mormente do anfitrião.

Como acontece sempre que há mudança de Comando, os corpos sociais do Núcleo dos Açores da AORN apresentaram cumprimentos ao Comodoro Machado da Silva, na manhã do dia 11 de Fevereiro passado, na sede do Comando da Zona Marítima dos Açores, situada na magnífica avenida que bordeja o mar.

Como era expectável fomos simpaticamente recebidos. Após as apresentações da praxe foi servido café que deu o mote para um bom naco de conversa, iniciada com uma pequena abordagem da história do Núcleo, do que tem sido a sua acção, das boas relações com todos os Comandos que por aqui vão passando e a vontade de manter viva na sociedade civil a chama que se acendeu aquando da nossa passagem pela Marinha. Vontade de continuar o diálogo e o convívio, com especial destaque para os almoços que periodicamente se vão realizando e que o Núcleo aproveitou o ensejo para reclamar a presença do nosso ilustre anfitrião. Que retribuiu com palavras simples de agradecimento, não apenas pela apresentação de cumprimentos, como também pelo amável convite, sinalizando o seu empenho numa relação que augura estreita e afectuosa. No culminar deste momento gratificante foi tirada uma foto que servirá de testemunho dum compromisso institucional de colaboração frutífera.

E como não podia deixar de acontecer, os corpos sociais do Núcleo dos Açores da AORN expressaram ao Comodoro Machado da Silva o desejo de muitos êxitos pessoais e profissionais no novo cargo, com votos de que a par da competência lhe não escasseie a sorte, sempre indispensável num desempenho que se pressagia de excelência.

Que se sinta bem nos Açores, porque estamos seguros que os Açores sabê-lo-ão acolher.

Adelino Couto
Sóc. Orig. n.º 977

St. John's School

TODDLERS * NURSERY * RECEPTION * YEAR 1

From 1 to 5 years old - Independent Classes

UK NATIONAL CURRICULUM

Open from 8 am to 7 pm

Curricular Activities: Computers, Theatre, Music, Physical Education, Climbing, Arts & Crafts

Swimming lessons at School

Continuation at St. James' Primary School

Phone Number: 214 867 966 – Fax 214 823 151
Av. Marechal Carmona, 366
2750-312 CASCAIS
E-mail: info@stjohns-school.com * www.stjohns-school.com

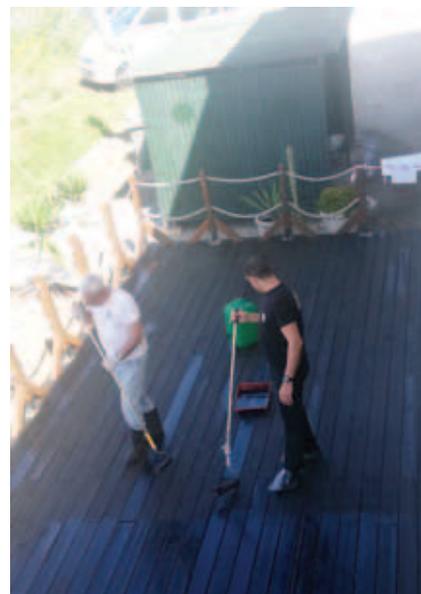
Melhoramentos no *Snack Bar/Restaurante* da AFZ e Salão Polivalente

Durante o período de confinamento, em que o nosso estabelecimento de restauração e Salão Multiusos estiveram encerrados ao público, o mundo da AFZ não esteve parado e decorreram trabalhos de limpeza geral e de higienização profunda em todas as áreas destas infra-estruturas: Esplanada, Cozinha, WC's, Bar e Salão Multiusos.

Aproveitou-se ainda a oportunidade para proceder a trabalhos de melhorias substantivas na decoração e na segurança dos utentes.

Assim, objetivamente efetuaram-se reparações profundas no chão da esplanada com substituição de várias tábuas degradadas e aplicação geral de produtos (pintura) para protecção das mesmas e também pintura dos pilares da “balaustrada”.

Sendo estes espaços exteriores, sujeitos a todo o tipo de intempéries, esta intervenção já se justificava há muito e foi agora a ocasião propícia. Há males que vêm por bem!



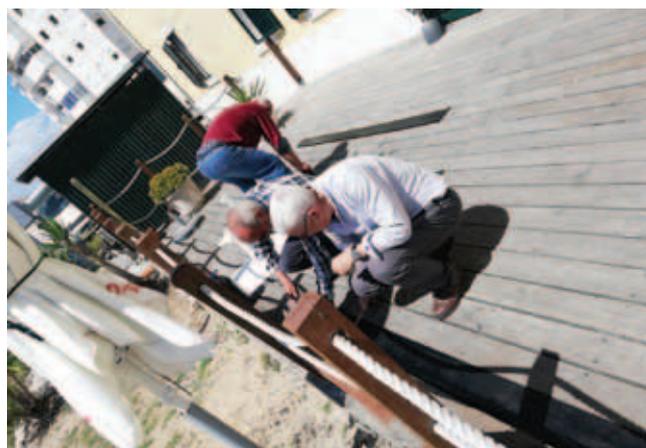
Foram também beneficiadas algumas portas exteriores do edifício sede da AFZ cuja pintura já apresentava evidente degradação, bem como limpeza e beneficiação de todo o mobiliário da Esplanada, do Bar e do Salão Multiusos (mesas e cadeiras).

Estas intervenções só foram possíveis devido ao bom entendimento existente entre o Concessionário e a Direcção que, num esforço conjunto, se mobilizaram para o efeito.

Cabe aqui uma palavra de elogio a todos os que colaboraram nestes trabalhos com especial ênfase para o infatigável Francisco Fazeres, Vogal da Direcção, que foi peça fundamental para a realização de todos os trabalhos em geral e nas pinturas em particular.

O espaço está agora ainda mais acolhedor. Visitem-no com a frequência que ele merece. Há sempre um amigo para abraçar (quando a Covid 19 deixar).

Mário Gonçalves
Secretário da Direcção



Escola de Fuzileiros

59.º Aniversário – Dia da Unidade



A Escola de Fuzileiros foi criada no dia 3 de junho de 1961, por iniciativa e impulso de um carismático chefe militar que foi o almirante Armando de Roboredo e Silva, a quem se deve a recriação dos Fuzileiros na Armada.

Vale de Zebro foi o local escolhido para a implantação desta Escola, por se situar junto à confluência do rio Coina com a Ribeira do Zebro e nas proximidades da Mata da Machada, o que tinha a vantagem de facilitar o treino dos Fuzileiros, sobretudo no que se refere à atuação com botes de assalto e à progressão em terrenos lodosos.

Para estruturar a instrução, colheram-se ensinamentos de outros Fuzileiros, nomeadamente dos ingleses juntando-se posteriormente a experiência adquirida em combate, através das várias missões em África.

Foi seu primeiro Diretor de Instrução o então capitão-tenente Melo Cristino que, com dinamismo e tenacidade, e a colaboração de um reduzido, mas entusiástico grupo de oficiais, sargentos e praças, deu o impulso necessário para o arranque da Escola de Fuzileiros, numa tremenda tarefa de adaptação e construção de instalações, elaboração de planos de curso e de publicações, bem como a execução da instrução, ações que foram sendo consolidadas com muita dedicação e competência pelos seus sucessores.

Em 3 de Fevereiro de 1969, o crescente desenvolvimento e a importância da Escola de Fuzileiros, levaram à sua classificação como Unidade Independente. Em 1974, com a criação do Corpo de Fuzileiros, a Escola de Fuzileiros passou à sua dependência direta. A partir de 1996 toda a Formação Militar Básica de Praças da Marinha passou a ser ministrada nesta Escola. A partir de julho de 2005 ficou a Escola de Fuzileiros também responsável pela

formação em condução de viaturas e Mecânica de Automóveis.

A pista de Destreza, a Pista de Lodo, os exercícios anfíbios e os de campo servem hoje, como no passado, para ambientar os novos Fuzileiros aos cenários que operam e para os preparar para situações reais com que possam vir a defrontar-se nos teatros de operações da atualidade.

O Museu do Fuzileiro, aqui localizado, é o repositório de testemunhos das ações que, no mar e em terra, desde 1621, os Fuzileiros cumpriram ao serviço da Marinha e de Portugal.



Este ano de 2020, as comemorações deste aniversário, pelas razões que todos conhecemos, decorreram no Museu do Fuzileiro, contaram com a presença do Comandante Naval, do Comandante do Corpo de Fuzileiros, do Presidente da Câmara Municipal do Barreiro, do Presidente da Direção da Associação de Fuzileiros e de um número limitado de convidados, entre os quais, os ex-comandantes do Corpo de Fuzileiros e da Escola de Fuzileiros. Este evento decorreu, em simultâneo, com a “Cerimónia de Entrega de Comando” da Escola de Fuzileiros.

Integrado nas comemorações do Dia da Unidade, houve ainda oportunidade de inaugurar um novo espaço no Museu do Fuzileiro que destaca e homenageia os militares Fuzileiros condecorados com a Ordem Militar de Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Aí foram descerrados 2 retratos a óleo dos Sargento-Mor Fuzileiro Especial Ribeiro Pais e Sargento-Mor Fuzileiro Especial Martins Teixeira, que se vieram juntar aos dois quadros já existentes, designadamente do Comandante Alpoim Calvão e do Comandante Rebordão de Brito, todos pintados pelo Capitão-de-mar-e-guerra Alvarenga Rua, atualmente na situação de reforma.

Cerimónia de Entrega de Comando

A Escola de Fuzileiros recebeu, no dia 03 de junho, o Comandante Naval, Vice-almirante Silvestre Correia, para presidir à Cerimónia Comemorativa do 59.º aniversário da Unidade e Entrega do cargo de Comandante, numa cerimónia reservada e sem forças em parada, como seria normal, em virtude das restrições impostas pela pandemia de COVID-19. O Presidente da

Direção da Associação de Fuzileiros marcou presença em representação de todos os nossos associados.

Numa cerimónia singela, mas cheia de significado, realizada no Museu do Fuzileiro, O Capitão-de-mar-e-guerra Fuzileiro Martins de Brito, rendeu o quarto, entregando-o ao Capitão-de-mar-e-guerra Fuzileiro Santos Formiga. Esse momento ficou simbolicamente



registado com a entrega do Estandarte Nacional da Escola de Fuzileiros ao Comandante Naval, que aproveitou o momento para felicitar o Cte Martins de Brito pelo sucesso alcançado no cumprimento da sua missão entregando-o, de seguida, ao Cte Santos Formiga.

Acresce referir que Sua Excelência o Almirante CEMA, reconhecendo a importância do trabalho realizado pelo Comandante Cessante, agraciou-o com um louvor e a respetiva condecoração que lhe foi imposta pelo Comandante Naval.

No decurso das intervenções subsequentes, o comandante cessante e o comandante empossado, tiveram oportunidade de agradecer a disponibilidade demonstrada pelos convidados presentes, interpretada como demonstração de reconhecimento e consideração pela Escola de Fuzileiros e por todos aqueles que, ao longo de várias gerações, vêm servindo a Marinha nesta Unidade.



Por último, o Valm Comandante Naval, neste seu primeiro ato oficial na Escola de Fuzileiros, Unidade que já queria ter visitado não fossem as restrições impostas pela pandemia em curso, reforçou o agradecimento pela presença dos convidados e desejou, ao novo Comandante, “bons ventos e mares de feição para este novo desafio”.

CMG FZ Leão de Seabra

Revista “O Desembarque”

Caros Sócios, Camaradas, Amigos e Colaboradores Permanentes,

Antes de mais cumpre agradecer a pronta resposta que vem sendo dada pelos nossos colaboradores mais efectivos e a de todos quantos, embora menos regularmente, nos enviam textos para publicação.

Só assim se torna possível manter a edição de “O Desembarque” com a regularidade e qualidade que pretendemos.

Mais uma vez recomendamos que os textos devem ser remetidos via correio electrónico, em documento “Word” e as fotografias (se possível legendadas) deverão possuir qualidade gráfica e enviadas como anexos e não já integradas nos textos.

Os artigos (cartas ao Director, notícias, crónicas, lendas e narrativas, opinião, cultura e memória, pequenas histórias, poesia, etc., etc.) serão publicados se a Direcção da AFZ e a Redacção de “O Desembarque” considerarem que têm qualidade e estiverem de acordo com a sua linha editorial, sem prejuízo de os textos poderem ser revistos, adaptados e reduzidos se os respectivos autores, expressamente, a tal se não opuserem, quando da remessa dos seus artigos.

No caso de, na Redacção da revista, se juntar um número de trabalhos que ultrapasse a dimensão de “O Desembarque” (em princípio, 52 páginas) publicar-se-ão os artigos pela ordem de entrada ou dos registos dos acontecimentos, se a qualidade for considerada equivalente, designadamente, no caso de relatos de convívios ou encontros de que disponhamos de textos e fotos, nas condições de qualidade já definidas.

Quanto às Delegações, torna-se imprescindível a sua colaboração atempada, enviando fotos (com qualidade gráfica) dos eventos da sua responsabilidade, acompanhadas de um texto simples e sintético mas que permita aos responsáveis pela edição/publicação da Revista perceberem, minimamente, o evento, ou seja: identificação das Entidades e outros convidados presentes; estimativa total de presenças; impacto do evento na Região/Delegação/AFZ; entre outros aspectos que entendam, por bem, deverem ser tornados públicos.

Contamos com todos!

A Direcção da AFZ e Redacção de “O Desembarque”

Conversa entre Fuzileiros

O Sargento-Ajudante FZ António Maria Caldeira Couto (AC), militar conhecido pela sua paixão pela Associação de Fuzileiros (AF), foi convidado para uma entrevista para a Revista O Desembarque («Des»). Em virtude das restrições sanitárias actuais a entrevista foi feita através da Net.

SAJ António Maria Caldeira Couto

71 anos, natural de Santarém

Ingressou na Marinha em 1970, tendo prestado serviço na CF1 / Angola (72-74), FFC, EF, BF1, BF2, CEFA e POL NATO. Passou à reserva em 2004.

É actualmente Vogal da Associação de Fuzileiros, tendo ganho notoriedade pela sua permanente prestação no grupo de trabalho da Associação do Movimento Cívico dos Antigos Combatentes (MAC), que tem desenvolvido importante acção junto da Secretaria de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, de forma à criação da Lei do Estatuto do Antigo Combatente, e estabelecimento das respectivas regalias.



«Des» - O que o levou a entrar para a Associação de Fuzileiros?

AC - Após a minha passagem à reserva, e para assim dar sentido à expressão *“Um Fuzileiro nasceu para não envelhecer”*, achei que devia dar continuidade ao que sempre nos orientou nas unidades de Fuzileiros: espírito de grupo, camaradagem, união e orgulho de continuar a usar a nossa boina. “Fuzileiro uma vez Fuzileiro para sempre”.

«Des» - Quais são as suas funções como vogal da Direcção?

AC - Como vogal colaboro na resolução de assuntos que tenham sido apresentados em reuniões da Direcção, fazendo sempre o meu melhor na representação da Associação de Fuzileiros em eventos associativos e outros.

«Des» - Para si qual a verdadeira utilidade da Associação de Fuzileiros?

AC - A Associação Fuzileiros tem como finalidade apoiar, dentro do seu âmbito, todos os fuzileiros que se encontram na reforma e no activo. Têm prioridade os que são sócios da Associação de Fuzileiros, mas também todos aqueles que prestaram serviço nos fuzileiros e, que não sendo sócios, apresentem dificuldades económicas. Temos uma comissão de apoio e um departamento



desportivo onde os seus sócios podem praticar várias modalidades, incluindo os descendentes. A nossa Associação, sempre a crescer, já tem disseminada pelo nosso país várias delegações e núcleos.

«Des» - Faz parte de um grupo de trabalho que engloba as Associações de Combatentes, há cerca de 5 anos. Como lá foi parar? Quais têm sido os objectivos principais desse grupo de trabalho?

AC - Foi criada uma Associação do Movimento Cívico dos Antigos Combatentes (MAC), que solicitou à Associação de Fuzileiros o apoio para a colaboração com o Governo na criação da Lei do Estatuto do Antigo Combatente.

«Des» - Quem são os vossos interlocutores a nível do Governo Português?

AC - As primeiras reuniões realizaram-se com deputados dos diversos partidos com assento na Assembleia da República, posteriormente com a Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes, a Comissão de Defesa da Assembleia da República, e ainda com o Vice-Presidente da Assembleia da República, que nos ouviu para ficar a par dos nossos objectivos.

«Des» - Em 22 de Março de 2019 a AF recebeu um ofício da Secretaria de Estado da Defesa sobre uma proposta da Lei do Antigo Combatente. Qual foi a resposta?

AC - O grupo de trabalho das Associações – depois de ter recebido o projecto da proposta de Lei do Estatuto do Antigo Combatente, do Gabinete da Secretaria de Estado da Defesa Nacional – efectuou uma reunião no Clube Oficiais da Força Aérea onde foram analisadas e debatidas todas as propostas do projecto de Lei do Estatuto do Antigo Combatente. Foi então elaborado um trabalho, de carácter geral, considerado ser o melhor contributo à proposta: “Justo reconhecimento aos antigos combatentes, apoios económicos, sociais e de saúde, divulgação apropriada, não só via net, mas também em locais de proximidade (Juntas de Freguesias e Municípios), integração de representantes de antigos combatentes numa Unidade Técnica, e finalmente atribuição



de um suplemento remuneratório para antigos combatentes com pensões baixas, em especial com mais de 70 anos”.

«Des» - Fala-se muito dos combatentes da Guerra do Ultramar serem beneficiados com esta nova lei. A proposta incluiu também os actuais e futuros combatentes das missões da ONU, NATO e União Europeia, de manutenção e imposição da paz, e outras?

AC - O que este grupo de trabalho propôs, engloba todos os combatentes, tanto os do Ultramar, como todos os que prestem missões no estrangeiro.

«Des» - Em 28 de Setembro de 2019 o MAC entregou no MDN mais uma proposta. Quer referir, em traços largos, os seus aspectos principais?

AC - Os aspectos principais da proposta final do Grupo de Trabalho MAC entregue no Ministério da Defesa Nacional foram: Integração dos combatentes no Serviço de Saúde das Forças Armadas, prioridade no acesso a tratamentos nos Hospitais Militares e Públicos, admissão em lares de segurança social ou outros subsidiados pelo Estado, complemento de reforma até atingir o salário mínimo nacional, isenção de custos nos tratamentos e medicamentos nas doenças de stress pós-traumática, criação do Cartão de Combatente, apoio e orientação aos combatentes quanto à assistência na saúde através das Juntas de Freguesias e Municípios, articulação entre postos médicos e hospitais com a rede nacional de apoio, para eficaz rastreio e tratamento dos combatentes com stress pós-traumático e alcoolismo. E ainda tempo de antena na comunicação social para divulgação e informação de assuntos de interesse para combatentes e familiares.

«Des» - Em 14 de Fevereiro de 2020 a Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Dr^a Catarina Sarmento e Castro, apresentou na Assembleia da República a proposta para o “Estatuto do Antigo Combatente”, onde foram contempladas grande parte das pretensões do MAC. Considera esta atitude do Governo como uma vitória do vosso grupo de trabalho? Que outros comentários lhe ocorrem?

AC - Claro que nos satisfaz. Quando apresentámos a nossa proposta, fomos informados que nem tudo iria passar. Ficámos a aguardar pela proposta apresentada pelo governo, que depois de lida e analisada achamos ser razoável, não querendo dizer que mais tarde não voltemos a apelar para o estipulado no plano de acção inicial para o apoio dos antigos e futuros combatentes. Estamos a aguardar pela compreensão

de uma realidade que não pode ser esquecida nem deturpada, que tenha um seguimento correcto, se tivermos em conta que todos os militares põem em risco a sua vida nas missões que lhe são incumbidas, devendo desta maneira serem respeitados e reconhecido o seu devido valor. Os próprios comandantes de Abril e os políticos não valorizaram o assunto, pois já nessa altura se registava um número apreciável de militares com problemas, embora não houvesse ainda uma correcta percepção e visibilidade da questão do stress de guerra. Os combatentes têm sido vítimas dum permanente esquecimento, e com o aumento de mais militares com stress, “a bomba ameaçou explodir”, agravando-se exponencialmente com o tempo. Todos os militares com stress pós-traumático merecem ter um encaminhamento psicológico ou psiquiátrico, e se possível apoio monetário, sobretudo para os de escassos recursos.

«Des» - Depois dos actuais objectivos estarem concretizados, as missões do vosso grupo de trabalho vão ficar por aqui?

AC - Espero que não fiquem por aqui. Ainda existe muito trabalho para corrigir e fazer. Todas estas associações que se movimentaram para que este Estatuto fosse aprovado, ficaram também incumbidas de analisar se todo o plano traçado está a ser cumprido e não o deixar cair no esquecimento pois “*todos os Homens nascem com Honra, que não deve ser tirada nem perdida*”.

«Des» - Para terminar uma palavra para os associados da AF e ainda para aqueles que ainda não são sócios.

AC - Aos sócios: Apresentarem, sempre que acharem necessário, propostas devidamente fundamentadas. Comparecerem mais e sempre em todos os actos cerimoniais com conduta correcta de modo a prestigiar a Associação. Terem cuidado em manter o pagamento das quotas em dia. Apelamos à colaboração de todos.

Aos não sócios: Aos fuzileiros dos mais antigos aos mais jovens, que se orgulham de o ser, convido a uma reflexão sobre o que a Associação tem vindo a fazer. Devem olhar para a Associação de Fuzileiros como um contributo de união, divulgação e apoio de todos. Não devem vê-la como um interesse de alguns ou para alguns. A camaradagem entre os veteranos e os mais novos é uma realidade na nossa sociedade, tanto militar como civil.

Abel Melo e Sousa
Sóc. Orig. nº 398
CFR REF



Estórias à volta da Operação Leopardo

(Ou o nacional-desenrascanço)

Parte I



José António Ruivo

Era um sábado de finais de março de 1997, uma semana antes da Páscoa. Almoçava em casa de um amigo, capitão do Porto de Sines, deliciando-nos com uma boa caldeirada à pescador, quando toca o telemóvel. Do outro lado falava o Chefe do Estado Maior do Comando do Corpo de Fuzileiros:

– Ó Ruivo, vai ser enviada com urgência para a embaixada de Portugal em Kinshasa, uma equipa de conselheiros militares. Estás disponível para chefiar a equipa?

Resposta pronta:

– Com certeza, podem contar comigo.

– Então apresenta-te na segunda feira de manhã no Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), com 12 fotografias para tarefas do passaporte diplomático e receberes instruções. O outro elemento da equipa era um camarada da Força Aérea. Encontrámo-nos no MNE, e aí contou-me como tinha sido “nomeado”: Nesse dia estava em trânsito da Base Aérea do Montijo para a Base de Monsanto, para onde havia sido destacado, quando foi contactado telefonicamente por um general da Força Aérea no Estado Maior General das Forças Armadas (EMGFA) e mandado igualmente apresentar no MNE com as doze fotografias. No meio da confusão já não se foi apresentar na nova Unidade, tendo conservado em seu poder a guia de marcha até ao final da missão.

Foi assim que começou esta epopeia, fazendo jus ao tão proclamado espírito de desenrascanço dos portugueses.

Aprontamento da Equipa de Ligação para o Zaire - ELIPAZ

No MNE, para além de tratadas as burocracias com vista à obtenção do passaporte diplomático, recebemos um briefing sobre a situação política e social no Zaire bem como instruções sobre o nosso relacionamento com a Embaixada.

Do MNE dirigimo-nos de imediato para o EMGFA onde nos aguardava o general da FA, de quem passaríamos a depender diretamente, e de quem recebemos as diretivas para a execução da missão. Fomos informados de que partiríamos para Kinshasa dali a uma semana, segunda feira a seguir à Páscoa.

Muito curiosa foi uma reunião que tivemos com o cientista e professor Carvalho Rodrigues, de todos conhecido por ter sido o pai do satélite português, POSAT1, que havia sido lançado para o espaço poucos anos antes. Pretendia-se testar o satélite nas nossas comunicações com Lisboa, o que de facto veio a acontecer.

Brazzaville

REP. OF THE CONGO
DEM. REP. OF THE CONGO

Congo River

Kinshasa

Para o efeito, recebemos uma breve formação para a montagem e operação do sistema de antenas especiais e restante equipamento de comunicação. Equipamento bastante volumoso, que estava acondicionado numa mala que pesava mais de 30 kg e que, entretanto, foi enviado para a embaixada em Kinshasa através da mala diplomática.

No final da semana foram-nos entregues os passaportes diplomáticos, com a designação de Adidos de Defesa, os bilhetes de avião e dois mil dólares em dinheiro para cada um, desconhecendo em absoluto a data de regresso.

Atividade em Kinshasa

No dia 1 de abril de 1997 embarcámos com destino a Kinshasa, via Paris. Logo no aeroporto da capital zairense tivemos o nosso batismo, indiciando aquilo com que poderíamos contar dali em diante. Éramos os únicos brancos naquela fila para o controlo de passaportes, por isso facilmente identificáveis. O funcionário recebia os passaportes, fazia o seu registo, olhava para o portador, carimbava e ele seguia. Quando chegou a nossa vez, sem qualquer troca de palavras, colocou os nossos passaportes de lado e continuou, como se nada fosse, a chamar o passageiro seguinte, ficando nós ao lado da fila. Passado algum tempo, olhamos um para o outro em sinal de compreensão, pois ambos já tínhamos tido anteriores experiências africanas. E então, pegamos cada um numa nota de 20 dólares que introduzimos pelo guichet e recebemos de volta os nossos passaportes devidamente carimbados.

À saída do aeroporto aguardava-nos o secretário da embaixada que nos conduziu para aquela que seria a nossa residência nos próximos meses; um apartamento arrendado a uma família de portugueses há muito estabelecida no país, e que durante o tempo que lá passámos foi também a nossa família. O nosso compatriota, chefe de família, era pessoa muito conceituada na comunidade portuguesa e junto das autoridades locais. Era um exemplo, como tantos outros que, em África, obtiveram sucesso. Era proprietário de duas empresas altamente rentáveis: uma de fabrico de medicamentos e outra de torrefação de café, cujos produtos eram distribuídos diretamente nas ruas em mercados informais.

O apartamento fazia parte de um condomínio cercado por muros de dois metros e meio de altura em cujo portão se encontravam a fazer segurança, 24 horas por dia, dois militares zairenses, em uniforme camuflado e armados de *kalashnikov*.

Percebemos mais tarde que era usual, à porta das residências dos europeus, a presença destes elementos de segurança. O serviço era contratado e pago diretamente aos comandantes das unidades, que eram verdadeiros gestores de empresas de segurança privada, e era prestado com o uniforme e armamento individual de serviço, tendo apenas a obrigação de se apresentarem na sua unidade um dia por semana.

Logo na noite da nossa chegada, fomos convidados para um churrasco organizado pela comunidade portuguesa na sequência de um torneio de futebol de salão entre equipas portuguesas e libanesas. De repente, sem se saber como, gera-se uma grande confusão e então damos-nos conta que à volta da nossa mesa estão dois indivíduos, de pistolas na mão, ameaçando-se mutuamente de morte, falando em francês. Sem reação e sem sabermos bem o que fazer, ali ficámos, continuando calmamente a beber a nossa cerveja até que, tendo aparecido a polícia, a questão se resolveu.

Que bela recepção para o dia da chegada!

A nossa residência, no centro da cidade, distava cerca de 2 km da embaixada e como não dispúnhamos de viatura própria o transporte era-nos assegurado por elementos do Grupo de Operações Especiais (GOE) que eram os responsáveis pela segurança da embaixada. Quando a confusão na cidade era já bastante grave, o elemento do GOE ao lado do condutor seguia com uma granada de mão de fora da janela e, ao chegar aos cruzamentos, gritava se os mesmos estavam livres e assim, a viatura não se detinha.

Nessa altura o Embaixador não dispunha de viatura de serviço, pois que a mesma havia sido roubada uns anos antes e ainda não tinha sido substituída. Assim, muitas vezes, o Embaixador tinha de recorrer aos serviços de cidadãos portugueses que, por especial favor, o transportavam aos locais onde tinha de se deslocar por motivos de serviço ou particulares.

No dia seguinte à nossa chegada, apresentámo-nos na embaixada onde fomos recebidos pelo Sr. Embaixador, que nos



brifou, em traços gerais, sobre a conturbada situação que se vivia no Zaire, seguida de apresentação aos funcionários da embaixada. Da parte da tarde participámos numa primeira reunião com os responsáveis da comunidade portuguesa que, entretanto, haviam sido convocados pelo Embaixador.

• Instalação na Embaixada

Na embaixada foi-nos atribuído um gabinete onde montámos uma sala de operações. Uma das nossas principais preocupações era o estabelecimento de comunicações com o EMGFA através do satélite POSAT 1. Para isso tínhamos de montar a respetiva antena, volumosa e pesada, no local mais alto que nos fosse possível. Assim, decidimos fixá-la a uma chaminé do edifício para o que foi necessário retirar algumas telhas para que se pudesse efetuar o trabalho no exterior. Depois de muita canseira e perseverança, o camarada da Força Aérea conseguiu realizar a delicada operação com sucesso.

Faltava o teste final que, felizmente, resultou logo à primeira. O sistema funcionava automaticamente, assim que o satélite surgia na linha do horizonte, a antena detetava-o e orientava-se para essa posição, acompanhando o seu movimento até ele desaparecer no lado oposto, recolhendo então a antena para a posição de espera, repetindo-se o ciclo. Havia, no entanto, um problema, apenas era possível comunicar com o satélite enquanto ele estava visível, para receber e enviar serviço, o que significava que apenas podíamos comunicar de seis em seis horas, devido ao seu período de translação. Assim, escrevíamos os relatórios no computador que posteriormente enviávamos para o satélite ao mesmo tempo que recebíamos o serviço que nos era destinado, e depois ficávamos 6 horas à espera do próximo serviço.

• O Espião

Cerca de 15 dias depois da nossa chegada a Kinshasa, o EMGFA resolveu enviar um oficial de transmissões com um moderno sistema de telefone satélite, daqueles que cabiam numa pasta tipo 007. Para além da pastinha o oficial levava também a sua câmara fotográfica a tiracolo. No entanto, tinham-se esquecido de um pequeno detalhe: este material não vinha protegido como mala diplomática de modo que o portador foi detido no aeroporto e acusado de espionagem.

Chegados ao aeroporto para o receber, fomos informados da situação em que ele se encontrava e da grave acusação que sobre ele pendia. Lá fomos tentando explicar ao agente do SEF local que se tratava de um elemento da embaixada de Portugal e que



o equipamento se destinava ao serviço da embaixada, mas rapidamente percebemos como havia que proceder para resolver a delicada situação. Neste caso com mais uma *nuance*, já que o caso era bicudo e os agentes eram solidários entre eles. Depois de pagarmos 50 dólares para este agente o libertar, foi-nos dito que teríamos ainda de passar por outro gabinete onde se repetiu a mesma cena, mais 50 dólares. E lá fomos andando de Herodes para Pilatos até que ao quinto e último agente já se tinham acabado as notas que levávamos connosco. Confrontado com a situação, o agente não se atrapalhou, e disse que iria no dia seguinte receber à embaixada. Assumido o compromisso, lá libertaram o detido. Ainda pensei que não teria tal descaramento, mas enganei-me. Na manhã seguinte, bem cedo, lá estava ele na embaixada para receber o seu quinhão. Deste modo, a libertação do camarada ficou-nos pela módica quantia de 250 dólares. Era África no seu melhor.



• Rede de Contactos

Muito importante para a recolha de informações sobre o que se ia passando no terreno entre o exército zairense e as forças de Kabilá foi a rede de contactos que conseguimos estabelecer com os diversos núcleos de cidadãos portugueses espalhados pelas principais cidades do território zairense. A embaixada dispunha de comunicações rádio VHS com essas comunidades, o que nos permitia ir acompanhando a par e passo o desenrolar dos acontecimentos, quase em direto. Era assim que sabíamos em cada dia o maior ou menor avanço das forças de Kabilá, e que praticamente nunca houve resistência



por parte do exército zaireense, rendendo-se ou abandonando as armas e a farda e fugindo à aproximação dos rebeldes.

Foi assim também que confirmámos o envolvimento da UNITA nos confrontos, ao lado das forças de Mobutu, sendo muitas vezes a única força que opunha alguma resistência ao avanço dos rebeldes. Isto porque os portugueses com quem falávamos nos diziam que ouviam militares a falar português.

Assim, nas reuniões de Adidos, em que havia partilha de informações, as nossas eram das mais fidedignas e atualizadas, ao mesmo nível das dos americanos (que constava que tinham elementos a acompanharem as forças de Kabilá), e melhores que as dos franceses e belgas. Desconhecendo eles quais as nossas fontes de informação, fazíamos um figuraço.

• O Camião Blindado

De acordo com o plano de evacuação geral acordado entre os vários países envolvidos, competia às forças francesas a ocupação e controlo das principais praças e cruzamentos de Kinshasa de modo a facilitar o movimento das colunas de evacuados para os respetivos locais de embarque junto ao rio. Os helicópteros americanos, provenientes do LPD ao largo de Ponta Negra, fariam a cobertura aérea. Para uma melhor identificação, seriam colocadas no tejadilho das viaturas envolvidas faixas de tecido cor de laranja.

De qualquer forma eram de equacionar alguns problemas de segurança, principalmente em relação ao transporte dos evacuados provenientes dos locais de concentração provisórios. Assim, a embaixada decidiu adquirir, por 10 mil dólares, um camião usado, que foi reforçado com chapas soldadas à frente e dos lados e que por isso passamos a designar por blindado.

• Os Jornalistas

À medida que a situação evoluía para um desfecho ainda incerto, começaram a chegar a Kinshasa jornalistas de vários

pontos do globo, em especial dos países com maiores interesses na região a fim de acompanharem os acontecimentos em detalhe e informarem os respetivos países. No caso de Portugal, vieram equipas de televisão (RTP), de rádio (RR), e de vários jornais, assim como um ou outro freelancer.

Tinham por hábito aparecerem pela embaixada, “invadindo” o gabinete da ELIPAZ à procura de notícias e por vezes para “cravarem” o telefone satélite.

Quando surgiu um boato de que forças rebeldes tinham chegado ao aeroporto, que ficava a 30 km do centro da cidade, sendo necessário atravessar a zona de caniço (musseques), uma das equipas de reportagem disse-nos que pretendiam ir de imediato para lá a fim de, em primeira mão, relatarem o acontecimento. Apesar de por nós desaconselhados devido à falta de segurança, insistiram no seu propósito, alugaram um táxi e lá foram. Passadas algumas horas apareceram na embaixada com um ar muito pesaroso, sem qualquer equipamento de reportagem, e sem os pertences pessoais, e com sorte por se terem safado apenas com uns pares de lambadas. Ainda por cima, a notícia era falsa, como muitas que surgiam a cada momento.

Certo dia em que ia a sair do edifício da embaixada, com o ambiente na cidade já bastante descontrolado, deparei-me com uma jovem jornalista, sentada nas escadas e a chorar convulsivamente, dizendo que ia morrer e nunca mais voltaria a ver os seus entes queridos. Pelos vistos era o seu batismo como repórter de guerra.

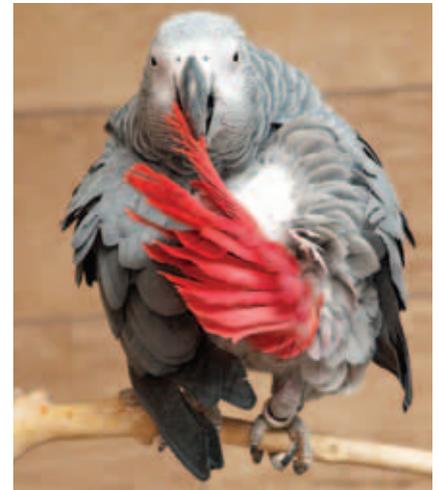
Também houve o caso de um jornalista bastante temerário. Depois de as forças de Kabilá terem entrado em Kinshasa e terem o país sob controlo, a embaixada resolveu fretar um avião para evacuar todos os cidadãos portugueses que quisessem para Brazzaville, do outro lado do rio, e onde estariam em maior segurança, pois não havia outra maneira de fazer a travessia. O voo teve lugar durante a noite e um dos jornalistas faltou ao embarque o que nos



deixou um tanto preocupados. Apareceu passados dois dias, em Brazzaville, com uma gaiola com dois papagaios, afirmando que tinha conseguido contratar uma piroga para atravessar o rio que, naquele ponto, tem cerca de 5 km de largura. A confirmá-lo mostrava os fundilhos das calças ainda molhados.

• A Caixa Forte do Tio Patinhas

O cais de embarque destinado aos cidadãos portugueses que pretendessem sair de Kinshasa pertencia a uma grande empresa zaireense cujo gerente era um português. Quando fomos às instalações da empresa negociar com o gerente as condições para a operação de evacuação, fomos naturalmente recebidos no seu escritório. Qual não foi o nosso espanto quando reparámos que a sala ao lado estava cheia de sacos com notas de dinheiro zaireense, qual caixa forte onde o Tio Patinhas tomava banho de dinheiro. A explicação que o próprio nos deu foi de que o pagamento tinha de ser feito em dinheiro vivo e o valor da moeda era tão baixo que, face ao elevado número de empregados, eram necessárias aquelas quantidades de notas para efetuar o pagamento dos vencimentos.

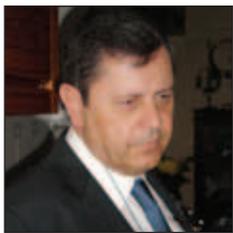


• O Papagaio do Embaixador

O pessoal do GOE na embaixada tinha arranjado um papagaio a quem puseram o nome de “franjinhas”, que era também a alcunha do embaixador, por usar o cabelo cortado à escovinha. Como era um bom palrador resolvemos ensinar-lhe a assobiar o Hino Nacional. Com paciência e perseverança, dia a dia, aprendia cada vez mais até que, quando terminou a missão, já interpretava na perfeição a primeira estrofe.

José António Ruivo

Soc. Orig. n.º 302



José Horta

Grandes Figuras da História

Napoleão Bonaparte e as Invasões Francesas em Portugal

A III Invasão:

A 3.^a Invasão francesa teve início em Julho de 1810, tendo terminado em Abril de 1811 com a retirada do exército francês para Ciudad Rodrigo, em Espanha.

As tropas francesas eram comandadas pelo marechal Massena, um dos mais prestigiados marechais de França, sendo o seu exército o mais numeroso de todos os exércitos que invadiram Portugal; o primeiro em 1807, sob o comando de Junot e o segundo em 1809, sob o comando de Soult.

1 – Antecedentes

A 2.^a Invasão francesa terminou com a retirada para a Galiza do marechal Soult e suas tropas.

Sir Arthur Wellesley dá então início à campanha de Talavera a fim de conter o avanço do I Corpo de Exército do marechal Victor, na Extremadura espanhola, campanha essa que foi coroada de êxito. Contudo, devido à falta de apoio logístico das autoridades espanholas, Wellesley regressa a Portugal, em parte também devido à ameaça sobre as linhas de comunicação com Lisboa, deixando a defesa da Andaluzia entregue às autoridades espanholas.

Descontente com as derrotas do seu exército, Napoleão Bonaparte envia para Portugal o marechal Massena, comandante do novo “Exército Francês em Portugal”, constituído por 3 Corpos de Exército (CE), com cerca de 65.000 homens.

Era tal a confiança de Bonaparte neste marechal que se absteve de enviar ordens aos restantes comandantes para lhe prestarem qualquer apoio. Massena assumiu o comando deste exército, em maio de 1810, em Salamanca.

Wellesley (já então duque de Wellington), por sua vez, considerava que a defesa de Portugal era muito mais importante que a defesa da Andaluzia e, nesse sentido, iniciou-se a construção das Linhas de Torres Vedras que ficaram conhecidas como “Linhas de Torres”.

Wellesley tinha recebido em Portugal a patente de marechal general dos exércitos portugueses (Decreto de 29 de Abril de 1809). Por estes motivos, retirou as suas unidades de Badajoz no final desse ano de 1809.

A 3 de Janeiro de 1810, assentou Quartel General em Coimbra ficando as restantes tropas assentes em Abrantes e ao longo do Vale do Mondego.

Para um exército que vem de Espanha, a entrada em Portugal poderá fazer-se por um de 3 eixos, em 3 regiões diferentes: Pelo Norte, pelas Beiras, na fronteira entre os rios Douro e Tejo e pela fronteira entre os rios Tejo e Guadiana, a Sul.

A penetração pelos vales dos rios veio, como vimos na 2.^a invasão, a revelar-se desastrosa, pois não era por aí que corriam as estradas necessárias ao transporte da artilharia, dos trens dos exércitos, etc. como também já se viu na 1.^a invasão. Pelo Norte, mais distante de Lisboa, não se afigurava adequado, tanto mais

que os franceses não dominavam a Galiza. A fronteira Sul conduzia à margem esquerda do Tejo, de difícil transposição, tanto mais quanto mais se aproximasse de Lisboa.

A invasão pela Beira era, pois, o eixo natural, mais viável para alcançar Lisboa. Dois grandes obstáculos se opunham então: A Praça Forte de Almeida, com uma morfologia favorável à defesa e as Linhas de Torres Vedras, na península de Lisboa... Mas outras dificuldades iriam surgir!

2 – O Exército Francês



General Massena

O exército de Massena tinha, em Setembro de 1810, um efectivo total de 65.000 homens, como vimos, incluindo as unidades de manobra e de apoio, oficiais, sargentos e praças. Estavam organizados da seguinte maneira:

- II CE do general Reynier - 2 divisões de infantaria, 1 brigada de cavalaria e os meios de apoio num total de cerca de 18.000 homens;
- VI CE do marechal Michel Ney - 3 divisões de infantaria, 1 brigada de cavalaria e os meios de apoio – 24.300 homens;
- VIII CE do general Junot - 2 divisões de infantaria, 1 divisão de cavalaria e os meios de apoio – 17.000 homens;
- Reserva de cavalaria do general Mountbrun - 3 brigadas de cavalaria e o apoio de fogos de 1 bateria de artilharia a cavalo;
- Além destas forças existiam, ainda; a reserva de artilharia, os trens, 1 corpo de engenheiros, 1 unidade (177 homens) de *gendarmérie* e o Estado-Maior. Muitos destes militares já tinham tomado parte em anteriores invasões.

3 – O Exército Luso Britânico

Podemos falar da existência dum exército Luso Britânico, uma vez que as forças portuguesas estavam sob o comando de Wellesley. Além disso, as forças portuguesas e britânicas actuavam, cada vez mais, como forças combinadas.

As forças aliadas dispunham dum total de 61.452 homens e estavam constituídas (organizadas) da seguinte forma:

- 1.^a e 2.^a divisões de infantaria britânica, dos generais Spencer e Hill, com 13.000 homens;
- 3.^a divisão de infantaria, com 1 brigada portuguesa, do general Picton, com 4743 homens;
- 4.^a divisão de infantaria, com 1 brigada portuguesa, do major-general Cole, com 7.400 homens;
- 5.^a divisão de infantaria, com 1 brigada (3 bt) da LLL¹ + 2 bt do RI8, do general Leith, com 7305 homens;
- Uma div. lig. de infant., a 2 brigs, com 2 bt lusos, do brigadeiro-general Craufurd, com 4112 homens;



Duque de Wellington

1 Leal Legião Lusitana

- ➔ 1.ª divisão portuguesa, a 2 brigadas, do marechal Hamilton, com 4940 homens;
- ➔ 2.ª divisão portuguesa, a 2 brigadas, do coronel Carlos Lecor, com 4811 homens;
- ➔ Três brigadas de infantaria portuguesas, comandadas pelos brigadeiros-generais D. Pack, A. Campbell e F. J. Colleman, respectivamente, com 2769, 3249 e 2345 homens, totalizando 8363 homens;
- ➔ Quatro brigadas de cavalaria, britânicas, (?), com 3136 homens;
- ➔ Uma brigada de cavalaria portuguesa, comandada por Fane, com 430 homens;
- ➔ Completavam estas forças 2230 artilheiros, 506 do Corpo de Engenheiros, o EM e trens.

4 – A Invasão

4.1 – O Avanço até às Linhas de Torres Vedras

A III invasão começa um pouco antes da entrada em Portugal, com a tomada da fortaleza de Ciudad Rodrigo a 9 de Julho, bem perto da fronteira e junto à estrada para Portugal. Após um cerco de quase 2 meses, as forças invasoras venceram a resistência de 5.500 homens da guarnição espanhola.



Muralhas da Praça Forte de Almeida

Daqui marcharam, em direcção a Portugal e, já em território português, as forças invasoras deparam com a Praça Forte de Almeida (a 35 Km de C. Rodrigo), com uma guarnição de 5.600 homens e cerca de 100 peças de artilharia. A resistência aos franceses, em

Almeida, não foi a que se esperaria, acabando o seu governador por ser fuzilado, pelos ingleses, por não ter resistido mais tempo.

O primeiro confronto desta campanha, no entanto, deu-se a 23 de Julho de 1810, no combate do Côa, quando a divisão ligeira de Craufurd que integrava 2 batalhões portugueses se opuseram às tropas do VI CE do marechal Ney. Craufurd que vinha a executar uma acção retardadora notável, desde o território espanhol, mas, apesar da firme resistência, foi abrigado a retirar. A 24 de Julho é montado o cerco de Almeida que haveria de capitular a 28 de Agosto. Massena manteve-se na região até 15 de Setembro, a fim de assegurar os mantimentos para os seus homens.

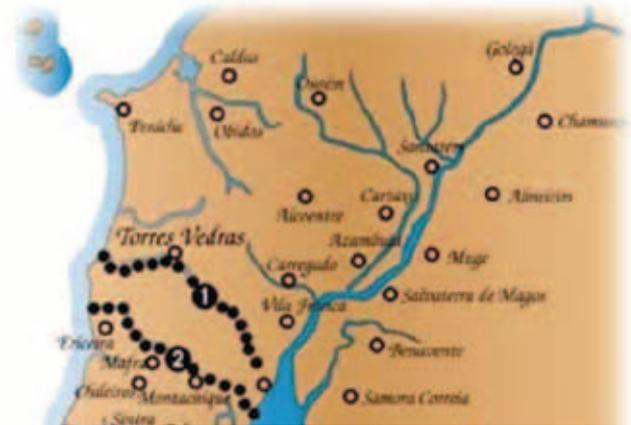
Wellesley, entretanto, já tinha planeado retirar da rota de invasão todas as possíveis fontes de abastecimento que pudessem alimentar o exército inimigo...

Massena dirige-se para Coimbra, o seu objectivo primordial era chegar a Lisboa. Toma uma estrada a norte do rio Mondego, a qual, já perto de Coimbra percorre uma posição defensiva excelente e é aí que Wellesley resolve dar batalha aos franceses. A 27 de Setembro é travada a batalha do Buçaco da qual resultou uma importante vitória para o exército Luso Britânico. Massena subestimou as forças de Wellesley e decidiu lançar um ataque frontal que não resultou. Os franceses foram repelidos com relativa facilidade, tendo sofrido cerca de 4.500 baixas nessa batalha, contra 1252 das forças aliadas.

Derrotado, o exército gaulês, contorna a posição pelo Norte (por Mortágua e Mealhada), tendo os aliados retirado em direcção a Coimbra, antes que os franceses se colocassem à sua retaguarda.

O moral das tropas francesas ia enfraquecendo à medida que iam aumentar o grau das dificuldades com que se iam deparando. O exército Luso Britânico, pelo contrário, reforçava a confiança no seu próprio valor.

O objectivo de Wellesley era agora atingir as Linhas de Torres Vedras² e aí aguardar as tropas gaulesas.



Linhas de Torres Vedras

Massena e seus exércitos descem a caminho da capital, seu principal objectivo. Não se livraram, pelo caminho, de alguns confrontos entre as suas forças mais avançadas e a retaguarda das tropas aliadas, com trocas de tiros e outras escaramuças, tendo os franceses estancado à vista das Linhas de Torres. A 14 de Outubro é mesmo o próprio Massena que vem observar as Linhas e constatar a enorme dificuldade para as suas tropas sem ajuda. Esta ajuda só poderia vir de Soult que se encontrava na Extremadura espanhola. Essa ajuda, porém, nunca viria a concretizar-se.

Wellesley, por sua vez, decide não sair das Linhas nem arriscar dar luta aos franceses em campo aberto.

4.2 – A Retirada de Massena

Perante o obstáculo que eram as Linhas de Torres, Massena fica no terreno, durante cerca de 5 meses, à espera de reforços... reforços estes que nunca haveriam de chegar, como vimos. Desamparado, ao fim deste tempo, Massena decide levantar acampamento, fixando-se primeiro entre Rio Maior e Santarém, onde poderia arranjar alimentos para as suas tropas com relativa facilidade e abundância. Contudo esta solução não se apresentava muito viável, uma vez que continuava isolado e sem apoios. Á sua retaguarda as acções de guerrilha desenvolvidas pelas milícias e ordenanças, criavam-lhe as maiores dificuldades e provocavam enorme desgaste nas suas tropas. Dos 65.000 homens que tinham entrado em Portugal em setembro, só 46.500 estavam operacionais. Para os aliados a situação era inversa. Wellesley era abastecido pelo porto de Lisboa, tendo este à sua inteira disposição. Também o treino das tropas portuguesas prosseguia com eficácia, bem como o aperfeiçoamento das suas capacidades.

No dia 6 de março de 1811, um camponês informa os britânicos que Massena tinha abandonado o acampamento, durante a noite, deixando as fogueiras acesas, facto que surpreendeu Wellesley, tendo-se iniciado, imediatamente, a perseguição aos franceses.

A 11 de março, a guarda avançada da divisão ligeira de Craufurd, alcançou a retaguarda da guarda francesa do marechal Ney,

2 As Linhas de Torres Vedras consistiam num sistema de 3 linhas de defesa, com 152 fortificações, que se estendiam do rio Tejo, em direcção à costa, para impedir a progressão de tropas e a tomada de Lisboa. Foram decididas por Wellesley e planeadas pelo major José Maria das Neves Costa



Linhas de Torres

já perto de Pombal, sendo nesse local que se travou o Combate de Redinha. Nos dias seguintes as escaramuças prosseguem e Massena retira para um território a norte do Mondego a fim de obter provisões. Entretanto aproxima-se o grosso das tropas de Wellesley, obrigando os franceses a uma retirada mais apressada em direção a Almeida. Para facilitar a fuga, livram-se de tudo o que não era essencial; muitos feridos foram abandonados à sua sorte e alguns animais mutilados e deixados para trás.

Durante um mês o exército de Massena foi perseguido, executou penosas marchas (também para os aliados), passaram grandes privações e envolveram-se em numerosos confrontos.

Em 22 de março o exército francês concentrou-se entre a Guarda e Celorico, estabelecendo contacto com Ciudad Rodrigo.

A 3 de abril de 1811 trava-se a batalha do Sabugal que Wellesley considerou uma das mais gloriosas acções em que as tropas britânicas se viram envolvidas.

Os franceses começam a capitular e, dois dias depois, iniciam a retirada, para Espanha de algumas unidades envolvidas nos combates, como o II CE de Reynier e outras que se lhe seguiram, acabando, apenas, por ficar em Portugal a guarnição de Almeida.

A guarnição desta Praça – cerca se 1.400 homens sob o comando de general Bernier – contudo só viria a abandonar Portugal no dia 10 de maio, após o cerco de Almeida que durou de 7 de Abril até àquela data (33 dias). Este cerco foi a última operação militar dos franceses em Portugal nesta 3.^a Invasão, destacando-se uma

tentativa para reforçar, com tropa e abastecimentos, a guarnição de Almeida. Wellington (Wellesley), que havia comandado o cerco, no decurso do mesmo interrompe-o para enfrentar, de novo, os franceses em Fuentes de Oñoro, cujo desfecho deixou a guarnição de Almeida por sua conta e risco, facto que motivou uma fuga espectacular da guarnição francesa.

Pela 3.^a vez Wellesley tinha libertado Portugal!

Em 7 meses os franceses perderam 25.000 homens. Cerca de um quarto (6.000) foram aprisionados; uns 15.000 morreram de doença, fome e exaustão, outros caíram nas mãos dos guerrilheiros quando procuravam comida ou se isolavam; 1.500 (6% das baixas) pereceram em combate.

Como se tudo não bastasse, Massena, viu a sua autoridade posta em causa e diminuída, por uma acção de contestação alargada, dos seus subordinados, designadamente o marechal Ney (e não só) que contestou e se opôs à sua estratégia de permanecer em Portugal a seguir à batalha do Sabugal e na ocupação dos territórios de Riba Côa que foram palco de numerosos confrontos e que nenhum proveito trouxe às forças francesas.

Ney acabaria, mesmo, por ser substituído por Loison.

5 – Consequências

Com a saída dos franceses de Portugal³, Wellesley tratou de consolidar a defesa e controlo das principais vias de comunicação com Espanha e que eram, no Centro, as estradas para Salamanca e Valladolid, através do domínio das praças de Almeida e C. Rodrigo. No Sul, as praças de Elvas e Badajoz que controlavam a estrada para Talavera e Madrid.

Foi com estes objectivos que foram então travadas, no Centro, a batalha de Fuentes de Oñoro (enquanto decorria o cerco de Almeida) e a Sul a batalha de Albuera, na Extremadura espanhola.

Nestas batalhas, já em território espanhol, tomaram parte as unidades portuguesas, integradas no exército de Wellesley.

Em Espanha, os franceses foram empurrados para Toulouse pela pressão do exército britânico, auxiliado por forças portuguesas e espanholas.

Os franceses, apesar de expulsos e perseguidos em 1812 haveriam de entrar de novo em Portugal. Eram forças do exército do Marechal Auguste Marmont, cujo objectivo não era a ocupação do território, mas apenas obter posições favoráveis perante o exército de Wellesley.

A independência de Portugal foi retomada entre 1814 e 1815 pelo congresso de Viena que decidiu, igualmente, restituir Olivença a Portugal, determinação essa que nunca foi cumprida por Madrid.

Lisboa, 3 de fevereiro de 2020

José Manuel Carrajola Horta

Sóc. Orig. n.º 485

2TEN FZE

Bibliografia:

Botelho, J. J. Teixeira 1915. "História Popular da Guerra Peninsular". Porto: Livr. Chardron de Lello&Irmão, Editores

Glover, Michael 2001. "The Peninsular War 1807-1814 – A Concise Military History". Penguin Books, Classic Military History

Oman, Charles W. C. 2004. "A History of the Peninsular War". Vol III e IV, Greenhill Books

Saraiva, José Hermano 1988. "História Concisa de Portugal" Publ. Europa-América. Col. Saber

Soriano, Simão José da Luz 1871. "História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal", segunda época, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional.

Endereços na internet:

– https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira_invasao_francesa_de_Portugal, acedido em 29/01/2020.

– https://pt.wikipedia.org/wiki/Napoleao_Bonaparte, acedido em 5/05/2019.

– [https://www.infopedia.pt/\\$terceira_invasao_francesa](https://www.infopedia.pt/$terceira_invasao_francesa), acedido em 29/01/2020.

3 A guerra continuou em Espanha, até março de 1814

20.º CFORN RN FZ

... “partiu” mais um dos seus!

Apouco e pouco, uns mais cedo que outros, todos nós, os vivos, vamos da lei da morte libertando!

Desta vez foi o Vicente Cabral, um dos “bravos” do 20.º CFORN RN FZ.

Corria o dia 28 de Julho de 2019 e a notícia chegou-me, já não recordo se por email ou telefone, estava eu em Cebolais. Como sempre o “chefe” Vasconcelos Raposo aí estava atento e de sentinela a avisar-nos. Estaria presente no velório, ainda não sabia quando.

Na noite de 30 de Agosto, foi o “Bellini” que ligou. Estava no velório e informava que o funeral sairia no dia seguinte com destino à terra natal do Vicente, Alfaiates, nos arrabaldes de Sabugal e perguntava se eu poderia estar presente, se o 20.º CFORN podia acompanhar o Vicente até à última morada!?

Acompanhado da minha cara metade, que também conheceu o Vicente durante o Curso de Fuzileiros, e ainda de um primo sempre pronto para conhecer novas terras, lá estivemos em Alfaiates acompanhando a missa de corpo presente e o cortejo até ao cemitério.

E como não podia deixar de ser, também o DFE 1, Guiné 72/74, unidade onde o Vicente Cabral cumpriu a sua missão na guerra colonial, marcou presença através dos:

- 286570 – Mar FZE António Martins Teixeira
- 11771 – Mar FZE Delfim Martins Teixeira
- 48666 – Mar FZE Rui Mota Carneiro



– 279270 – Mar FZE José Maria da Costa Paiva

– 136967 – Mar FZE Germano Ferreira Monteiro

Com os “sentidos pêsames do 20.º CFORN RN FZ” à esposa e à filha do camarada Vicente Cabral, deixámos Alfaiates com um “DESCANSA EM PAZ, Vicente!”

As “baixas” no 20.º CFORN começaram cedo!

Ainda na flor da idade, como soe dizer-se, o Bernardo Ferreira deixou-nos pelos seus 40 anos, atraído pelo seu coração.

Seguiu-se-lhe o Pereira Machado.

Há cerca de 3 anos acompanhámos o Marques Cavaco na sua última viagem e em 2018 chegou a hora do Cândido Lucas!

Nesta homenagem que agora fazemos ao Vicente, e nas páginas de “O Desembarque”, a nossa homenagem a todos eles.

RIP, camaradas e companheiros Ferreira, Machado, Cavaco, Lucas e Vicente.

Quando terminámos o curso de Fuzileiros éramos 26. Restamos 21, vivendo e recordando até chegar a nossa hora.

Todos a queremos o mais tarde possível!

João A. Pires Carmona

*Cadete/Aspirante/Subtenente/2Ten/1Ten RN FZ
CMG FZ ref*



20.º CFORN RN FZ

24 FEV – 14OUT 1972

(da frente para trás e da esquerda para a direita)

Ferraz pinheiro, Alves Martins, Albuquerque Alvaleide, Vicente Cabral, Pires Carmona.

Forjaz Sampaio, Ribeiro Moniz, Ramos Rodrigues, Martins Dias, Tavares de Almeida. Bernardo Ferreira, Marques Cavaco, Maria Feijóo.

Pereira Machado, Aguiar Mamede, Melo Sousa, Rodrigues de Queiroz, Corte Real

Divisão do Mar e das Actividades Lúdicas e Desportivas



Concluído mais um ano é altura de fazer um breve balanço das actividades realizadas em 2019 e poderemos concluir que tanto no tiro

Como é do vosso conhecimento, o ano de 2020 está a ter um grande impacto negativo para todos nós e a todos os níveis, pois este inimigo invisível obrigou-nos a adaptar a nossa vida social e desportiva em modo de confinamento.

Como consequência a Associação de Fuzileiros e as suas Delegações viram-se obrigadas a cancelar todo o seu planeamento desportivo do primeiro semestre tendo, assim, ficado sem efeito a nível de organização da Direcção Nacional da Associação de Fuzileiros:

- o Torneio de Tiro do Dia da Marinha com organização conjunta com o CPA e o CNOCA em que este ano a liderança estaria a cargo do CPA;
- o Fim-de-Semana Campista que se ia realizar mais uma vez no Parque de Campismo dos Picheleiros na Serra da Arrábida, e
- o Torneio de Tiro “Sargento Fuzileiro Henrique Madaíl”.

Temos esperança de que aos poucos se consiga voltar à normalidade e o segundo semestre do ano, que se encontra em *standby*, nos permita regressar ao normal da nossa actividade desportiva colectiva.

Não será fácil, mas faremos o que estiver ao nosso alcance.

Mantenham-se activos fisicamente e em segurança!

Saudações,

Espada Pereira
Sóc. Orig. n.º 445
Chefe da DMALD

Sócio da AFZ

Participa, colabora e mantém as tuas quotas em dia.

NIB

0035 0676 0000 8115 8306 9

IBAN

PT50 0035 0676 0000 8115 8306 9



Casa de Repouso
Quinta da Relva

Damos especial assistência a pessoas com Alzheimer, Parkinson, doenças psiquiátricas e acamados

SERVICOS

- Alojamento temporário e permanente
- Médico
- Enfermagem
- Salão de estética
- Animação
- Fisioterapia e Ginásio
- Ginástica colectiva

O prazer de viver...



www.casaderepouso-quintadarelva.pt
info@casaderepouso-quintadarelva.pt
Tifs: 962129899 / 263770480 ALENQUER





Unidade do Corpo de Cadetes do Mar Fuzileiros

5.^a Actividade

A quinta sessão de 2019/2020 contou com a presença de cinco dos seis Cadetes do Mar Fuzileiros inscritos.

À semelhança dos anos anteriores a presente sessão constituiu mais uma óptima oportunidade de interação com outros jovens. Desta feita a interação foi com os Jovens Cadetes do Mar do Colégio Pedro Arrupe e com os Escuteiros do Ar.

A sessão, além da interação com outros grupos de jovens cadetes, já referida, teve como objectivos principais as visitas formativas à Esquadrilha de Helicópteros da Marinha (EHM) e à Base Aérea n.º 6 (BA6) no Montijo.

No período da manhã visitou-se a EHM, inserida na BA6, tendo-se começado com um breve briefing de apresentação da Unidade a todos os Jovens e seus formadores, seguindo-se uma visita às instalações e aos meios operacionais.

Durante a visita foi possível mostrar aos jovens cadetes que a EHM é a “Componente Aérea da Marinha” e que realiza missões de luta antissubmarina, anti superfície e de interdição de área.

Pode ainda desenvolver missões de carácter secundário como: transporte de carga e de pessoal e missões de reconhecimento e de busca e salvamento (fonte: marinha.pt).



Para além dos helicópteros Lynx Mk95 que normalmente são destacados para embarcar nas fragatas das classes Vasco da Gama e Bartolomeu Dias, conta a Esquadrilha com meios aéreos não tripulados, os “drones” aéreos da Marinha.

Após o almoço, servido no refeitório da BA6, seguiu-se durante a tarde a visita a uma das Unidades da Força Aérea que se encontra destacada na Base Aérea, a “Esquadra 751 - Pumas”.





Após um breve briefing de apresentação da Esquadra, seguiu-se uma visita às instalações/meios operacionais e foi possível ver um EH-101 Merlin em ação. A Esquadra 751 tem como principal missão executar operações de busca e salvamento, sendo também possível executar missões de apoio tático. A Esquadra está distribuída pela BA6 no Montijo, pelo AM3 em Porto Santo e na BA4 nas Lajes. A visita à Unidade permitiu observar e ter clara noção do seu lema “Para que outros vivam”.

Fica aqui um agradecimento especial pelo convite, receção e acompanhamento do Comandante Gonçalves Simões (Comandante da EHM) e restante guarnição da EHM que nos acompanharam bem como aos responsáveis dos Escuteiros do Ar e à guarnição da Esquadra 751.

TEN Ricardo Rosinha

Cmdt. Unidade Cadetes do Mar Fz



Comunicado do Comando dos Cadetes do Mar Fuzileiros

Por motivos da atual pandemia, causada pela Covid-19 (Coronavírus) todas as restantes sessões da Unidade de Cadetes do Mar Fuzileiros, previstas no programa da Edição 2019/2020 bem como a iniciativa junto do Estado-Maior General das Forças Armadas, foram canceladas.

Mesmo assim e apesar da interrupção da Edição em curso, foi ainda possível transmitir aos Jovens, valores e experiências que dignificam as nossas Forças Armadas bem como o seu papel na sociedade atual que muito valorizaram os jovens da nossa Unidade de Cadetes do Mar FZ.

Esperamos regressar na Edição 2020/2021 com o mesmo empenho e dedicação, permitindo aos nossos jovens novos contactos e novas experiências junto das nossas Forças Armadas e de outras entidades.

TEN Ricardo Rosinha

Cmdt. Unidade Cadetes do Mar Fz



mercado das
viagens

Rua Fernão Lopes 1, 2800-171 Almada

Tel: 210862418 – Tem: 968050054

E-mail: almada@mercadodasviagens.pt

Compromisso total na prestação de serviços de qualidade

INSTITUTO MÉDICO E DENTÁRIO DO BARREIRO

TENHA DENTES FIXOS NO PRÓPRIO DIA

SORRIA E MASTIGUE COM CONFIANÇA

VENHA TER CONNOSCO E OUÇA TODAS AS SUAS POSSIBILIDADES.

PROTESE FIXA SOBRE 4 IMPLANTES

PROTÓCOLO ATÉ 30% DESCONTO* ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS

MARQUE JÁ

212 141 145 | 968 734 073

2ª e 6ª das OPH-SOH • Salão das OPH • 14H
Rua Magalhães Barreira n. 215, | 2830-097 Barreiro

geral@imdbarreiro.pt
www.clinica.stmd.pt

Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA)

9.º Aniversário da DFZA

No passado dia 7 de Março, Silves foi a cidade escolhida para a Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA) comemorar o seu 9.º Aniversário. Uma escolha feliz por várias razões:

Primeiro porque Silves é, como se sabe, banhada pelo rio Arade, rio que lastra e acompanha toda a história da cidade. Depois porque é no rio Arade que anualmente se realiza a já mítica prova aquática “Descida do Arade”.

Esta prova é promovida pela DFZA e junta várias dezenas de embarcações e centenas de participantes que remam até Portimão desfrutando calmamente das belezas naturais que ladeiam o rio.

E também porque permitiu aos inúmeros convidados uma visita guiada, excelentemente conduzida pelas entidades responsáveis pelo património local, ao Castelo de Silves, o monumento mais importante da cidade e uma das mais bem conservadas fortificações militares do nosso país; à magnífica Catedral de Silves; ao Museu da Cidade; um passeio pelas ruas mouriscas descendo até ao rio.

Tanta actividade abriu necessariamente o apetite para um almoço magnífico no Restaurante “Ponte Romana”.

Foi só atravessar a ponte sobre o Arade e aí estava o “Ponte Romana” para nos acolher e prover ao retempero de forças que a fraqueza já se fazia notar.

Pelo meio ficou também uma visita rápida ao Restaurante “Tasca do Bené” gerido por um Fuzileiro, o que é sempre motivo para cumprimentos e muitos abraços.

De salientar o elevado número de entidades convidadas presentes no evento; Entidades Autárquicas, da Marinha e Autoridade Marítima, de outros Ramos das Forças Armadas, das Forças de Segurança e de outras forças vivas regionais.

Além das entidades mencionadas também a Direcção da AFZ se fez representar por um dos seus Vice-presidentes, marcando também presença representações de todas as outras Delegações da nossa Associação.

O almoço decorreu com grande animação e nos discursos ficou bem patente o apreço que todas as autoridades regionais mencionadas nutrem pela Delegação do Algarve, tecendo-lhe os maiores elogios pelo seu dinamismo e pelo trabalho de inclusão e colaboração que desenvolvem junto das comunidades locais.

No encerramento o acordeão e a concertina fizeram jus à música tradicional algarvia e houve até quem tenha dado um pé-de-dança e ainda quem tenha dado margem aos seus dotes vocais entoando canções que a todos agradaram.

A cidade de Silves está de parabéns pela forma como recebeu este magnífico evento!



Delegação de Fuzileiros da Beira Alta (DFZBA)

Matança do porco em Juromenha



No dia 8 de fevereiro de 2020 fomos recebidos em Juromenha, pelos nossos camaradas da Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas.

A receção como sempre foi muito calorosa e esperava-nos uma mesa farta recheada de iguarias da região

Foi interessante conhecer Juromenha, a sua Fortaleza, o seu Castelo Medieval e a magnífica vista sobre o rio Guadiana.

O almoço/lanche foi à base da carne de porco, como não podia deixar de ser, em dia de matança tradicional e tudo decorreu em excelente ambiente e com a colaboração de todos.

O convívio foi extraordinário não faltando um vasto grupo de amigos “nuestros hermanos” que também apreciam e dinamizam este tipo de convívios.

Não faltaram as conversas do costume e as cantorias à desgarrada acompanhadas por instrumentistas locais.

Tudo esteve numa sintonia perfeita e a organização está de parabéns pelo extraordinário evento que realizou.

9.º Aniversário da DFZA

No dia 7 de março a Delegação de Fuzileiros do Algarve festejou o seu 9.º Aniversário e a Delegação dos Fuzileiros da Beira Alta foi representada neste evento pelo Vice-presidente lídio Magueja.

Foi um dia de festa com um programa muito aliciante com visitas aos monumentos mais emblemáticos da cidade, um passeio pelas ruas de Silves e um excelente almoço. Apreciamos sobremaneira o Castelo de Silves, a Catedral e, obviamente o convívio que se proporcionou no almoço.

O Rei D. Sancho I deixou-se também fotografar várias vezes com o numeroso grupo e julgamos que também apreciou a visita.

Depois da visita ao Castelo e à Sé Catedral Fomos percorrendo as magníficas ruas de Silves para chegamos ao restaurante onde nos esperava o almoço após o qual houve discursos e troca de lembranças.

O Hino da Associação de Fuzileiros foi no final entoado por todos de forma emocionada!

São encontros que marcam e demonstram a vitalidade da AFZ e das suas Delegações.



Convite do Vice Presidente da DFZBA

O "Museu na Relva" organiza uma "cegada e malhada tradicionais" em 1 de agosto de 2020

O Museu na Relva, de que é proprietário o nosso sócio e Vice-presidente da DFZBA Ilídio Magueja, a Associação Relvense e o Município de Castro Daire vão levar a efeito no dia 1 de agosto, na aldeia da Relva, concelho de Castro Daire, distrito de Viseu, uma cegada e malhada à moda antiga.

Esperando que esta pandemia acabe, sempre com as normas de segurança e sujeito a autorização da DGS, convido os sócios da AFZ que queiram estar presentes a fazer a sua inscrição para o contacto abaixo indicado.

Contactar a Delegação de Fuzileiros da Beira Alta (Ilídio Magueja - Telef.: 919 891 636) até ao dia 15 de julho.



Delegação de Fuzileiros do Douro Litoral (DFZDL)

9.º Aniversário da DFZA

No dia 7 de Março, a Delegação de FUZILEIROS do Douro Litoral, esteve representada no aniversário da Delegação de Fuzileiros do Algarve.

Foi necessário fretar uma viatura de 9 lugares para dar resposta à adesão ao que houve convite.

Representaram a DFZDL o Presidente da Direção Henrique Mendes que foi acompanhado de sua esposa, o Vice-Presidente Aires Pinto também com a esposa, o nosso sócio Arménio Pinho e esposa e outros camaradas.

A comitiva partiu de véspera em direção ao Algarve para uma viagem com muita

alegria e boa disposição à mistura. A longa viagem correu depressa lembrando histórias do tempo passado nos Fuzileiros, passado que muito nos orgulha, e algumas paragens técnicas para descanso do pessoal.

À chegada ao Algarve, tínhamos dois filhos da Escola a nossa espera para o jantar. Queremos agradecer vivamente aos camaradas e amigos António Pereira e North. Foi uma receção como tem sido apanágio em anos anteriores. Um jantar excelente em plena harmonia da família FUZILEIRO.

O dia do aniversário da Delegação do Algarve correu com pompa e circunstância e foi um EXCELENTE convívio. Aos que o



organizaram endereçamos os parabéns destacando a visita ao Castelo de Silves e o almoço.

Na pessoa Presidente Paulo Domingues queremos agradecer o honroso convite que não previa os eventos que entretanto se proporcionaram e decorreram pela noite dentro, porque o Presidente festejava também o seu aniversário nesse mesmo dia.

Foi uma feliz coincidência que permitiu que à noite se juntassem um punhado de Fuzileiros e suas esposas. Foi uma noite muito agradável com música e animação a rodos. Enfim, um dia em cheio!

Fuzileiros Sempre!

Henrique Mendes
Presidente da DFZDL

- Boinas
- Calçado
- Insignias e Patches
- Vestuário
- Calçado
- Bagagem
- Equipamento e acessórios diversos
- Acessórios de acampamento
- Entre outros

Visite-nos:

Loja - Escola de Fuzileiros do Barreiro
www.trincheiramilitar.com
+351.925.831.535




LOJA DO FUZILEIRO

Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas (DFZJE)

9.º Aniversário da DFZA

A 7 de Março de 2020, uma representação da Delegação de Juromenha/Elvas (DFZJE) deslocou-se à linda cidade de Silves, Algarve, para participar nas comemorações do 9.º aniversário da nossa congénere do Algarve, a DFZA.

Recebidos no castelo de Silves pelos nossos camaradas algarvios com um beberete no bar do castelo descansamos da viagem e tivemos um primeiro convívio com camaradas que há algum tempo não víamos.

De seguida foram efetuadas visitas guiadas ao Castelo, à Catedral e ao Museu de Arqueologia de Silves, visitas que recomendamos a quem tiver oportunidade de por ali passar, tal o seu interesse histórico e cultural. Finalizamos a manhã com um passeio pela baixa da cidade que se estende até ao rio Arade, passando pela Ponte de Silves para a outra margem onde se situa o restaurante que serviu o almoço.

Durante o almoço pudemos saborear a excelente gastronomia algarvia e conviver com camaradas Fuzileiros e não só. Uma



saudável mistura de gerações propiciou a troca de histórias que permitem matar saudades de tempos passados já antevendo encontros futuros.



Reparações e melhorias na sede da DFZJE

Embara vivendo uma época de restrições e isolamento forçado originado pela pandemia da Covid 19, os elementos da DFZJE não deixaram de cuidar da nossa sede, realizando nela as melhorias e reparações necessárias para o seu bom funcionamento.

Reunião da Direcção da DFZJE

A DFZJE realizou a sua primeira reunião depois de um período de restrições e confinamento devido à pandemia do vírus Covid 19.

Nela debateram assuntos inerentes à situação em que vivemos, como afetará o nosso futuro e que influência terá na realização dos nossos eventos.

Queremos também aproveitar esta oportunidade para dar um forte apoio ao nosso camarada Joaquim Barbado que vive uma grave situação de saúde e que segundo as últimas notícias vai caminhando para a sua pronta recuperação.

Queremos também desejar que todos os nossos camaradas e suas famílias que continuem de boa saúde envolvendo a todos num fraterno abraço.

A Direcção



Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima (DFZPM)

As missões menos notórias da Polícia Marítima nas Operações da FRONTEX

A Polícia Marítima (PM) de que fazem parte integrante os sócios da Associação de Fuzileiros e que constituem a Delegação de Fuzileiros da PM (DFZPM) tem tido um grande empenho nas operações da agência FRONTEX - Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, as quais têm tido bastante notoriedade ao nível da comunicação social, redes sociais e ainda elevado reconhecimento por entidades nacionais e estrangeiras, sendo que tal notabilidade se deve ao excelente desempenho operacional perpetrado pelos elementos da PM.

Contudo, e conforme exporei seguidamente, o empenho e apoio da PM à agência FRONTEX e às suas importantes operações conjuntas de proteção e controlo das fronteiras externas da União Europeia e do Espaço Schengen, não se circunscreve apenas ao que tem sido veiculado ao público.

A PM tem tido diversos elementos destacados em diferentes cenários e funções, funções essas de apoio e de importância relevante, sendo o reflexo do trabalho desenvolvido um maior número de solicitações para estas funções.

Estas funções verificam-se nomeadamente no cargo de Frontex Support Officer –

Oficial de apoio, e em diversos cenários e operações, nomeadamente em Lesbos - Grécia – Missão POSEIDON; em Motril, Algeciras e Madrid – Espanha – Missão Indalo. As funções do Frontex Support Officer podem ser desempenhadas no Internacional Coordinator Centre (ICC), nos Local Coordinator Centre (LCC) ou junto das equipas destacadas no terreno, sendo que consiste em fazer a ligação entre as equipas multidisciplinares e multinacionais destacadas pelos Estados Membros (EM) e as autoridades nacionais do Estado hospedeiro, no controlo e apoio logístico destas equipas, no acompanhamento e transmissão de informação importante e “reports” diários nos 2 sentidos – Frontex, ICC e equipas e vice-versa, e ainda de efetuar briefings e debriefings às equipas destacados para o terreno e efetuar o devido feedback para a Frontex.

Além deste relevante e trabalhoso cargo/função referido, a PM tem disponibilizado peritos na área da lofoscopia – Fingerprinter Officer, com vista a apoiar na identificação do elevado número de migrantes que chegam de forma irregular às fronteiras externas do Espaço Schengen. Estas funções já foram efetuadas em várias ilhas gregas no âmbito da missão POSEIDON,

e irá começar também ainda este ano em apoio à missão INDALO – Espanha. Pelo elevado número de chagadas e complexidade das condições de trabalho e diferentes nacionalidades, os elementos destacados para estas funções encontram-se perante um forte impacto emocional e de sobrecarga de trabalho, que tem sido sempre encarado com grande profissionalismo e humanidade.

Estas missões têm sido prestigiantes para Portugal e para a PM e têm trazido um maior empenho de elementos e consequentemente uma sobrecarga para o reduzido quadro da PM, contudo, verificando que as fronteiras externas gregas, italianas, espanholas ou outras, também são fronteiras de Portugal, só podemos considerar que quando os elementos da PM aí se encontram em funções, estão a pugnar pela segurança da UE e consequentemente da segurança de Portugal e dos Portugueses.

Tais funções passam necessariamente por um maior sigilo e recato, tornando-se assim menos notórias, o que se pretende, mas não menos importantes e relevantes para a FRONTEX, para a UE e para Portugal.

Pedro Jardim

Núcleo de Fuzileiros Motociclistas (NFZM)

Na fase mais crítica deste período de pandemia pela Covid 19 o NFZM sofreu também os efeitos do confinamento a que todo o cidadão esteve obrigado. Não houve, portanto, saídas de grupo nem visitas.

Um passeio para reatar os motores das motos ocorreu no Domingo 17 de Maio até ao Porto de Abrigo de Sesimbra cumprindo-se mesmo assim todos os requisitos de segurança. No dia 18 de Maio quis o NFZM também marcar a presença na tão esperada reabertura do restaurante da Associação de Fuzileiros.

Mais para sul também o nosso camarada Pedro Lima e esposa, realizaram um Passeio de Domingo ao Farol de Sagres com saída da barra do rio Arade. E para manter a forma o nosso camarada Paulo Reis realizou também um passeio de domingo com os “Ferros da Fuzeta”.

Entretanto e na fase de “desconfinamento”, os elementos do NFZM a região do Barreiro têm rodado e reunido no restaurante da Associação de Fuzileiros, sempre respeitando as regras de segurança e o distanciamento social.

Carlos Correia



Rádio “Filhos da Escola” (RFE)



- Afonso Brandão, Sarg/Aj FZE/US – Administração, Coordenação de Imagem e Marketing, Representante do Núcleo da Associação de Fuzileiros. Trabalha a partir de Corroios.
- Manuel Francisco, Mar FZE – Locutor - Faz emissão desde a Portela - Loures - Lisboa
- Ilídio Maia Fernandes, Cabo E – Locutor - Faz emissão desde de Frankfurt -Alemanha
- José Manuel Parreira, 2.º Sarg FZE – Locutor - Faz emissão desde a cidade do Seixal
- Artur Manuel Gomes, Cabo E – Locutor - Faz emissão desde a cidade de Amora
- Jose Miguel, Sarg/MOR GNR – Locutor - Faz emissão desde a cidade do Barreiro
- Jose Luis Zuzarte - Locutor - Faz emissão desde a cidade do Barreiro
- Carlos M. Pinto FZ – Locutor - Faz emissão desde a cidade do Porto
- Luis Filipe Costa - Locutor - Faz emissão desde a cidade de Lisboa
- Mário Manso - Fotógrafo.

Uma rádio online que transmite para os cinco Continentes, com horário das 00H00 às 24H00, todos os dias, sendo que nos dias úteis, segunda a sexta-feira, das 14h00 às 24h00, os programas são feitos (realizados e apresentados) a partir das casas dos locutores.

Fora desses horários a rádio encontra-se a transmitir em Auto Dj.

É assegurada atualmente por doze colaboradores em variados pontos do País e na Europa, que põem a emissão no “Ar” e efetuam as suas emissões. A rádio tem por missão através dos seus locutores,

divulgar todos os eventos oficiais, convívios e ou outros eventos que de algum modo possam representar o “espírito e modo de ser Marinheiro “ sempre com o intuito de fazer divulgação e chegar o mais longe possível em termos de “comunidades” Navais.

Atual STAFF:

- Manuel Cardoso, Mar L 250/70 – Fundador, Locutor e Coordenador, Transmite a partir da Cidade Águeda
- António Santos, Mar R 1405/76 - Assistente Técnico e Gestor do Projeto, Trabalha desde a Cidade de Amora

Afonso Brandão

Segue lista, onde podemos ser contactados e/ou escutados:

Web site:

<http://radiofilhosdaescola.webnode.com/>
<http://176.9.43.216:2199/start/radiofilhosdaescola/>

Skype:

RadioFEscola2014

E-mail:

rfilhosdaescola@gmail.com

Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/660773867320973/>

Afonso Brandão

Administração, Coordenação de Imagem e Marketing. Tel.: 918 855 741

Rádio Filhos da Escola

UMA WEB RÁDIO DA FAMÍLIA NAVAL
A EMITIR PARA OS CINCO CONTINENTES.

Sítio
<http://radiofilhosdaescola.webnode.com/>
<http://176.9.43.216:2199/start/radiofilhosdaescola/>

Skype
RadioFEscola2014

Facebook
<https://www.facebook.com/groups/660773867320973/>

E-mail:
rfilhosdaescola@gmail.com

Grupo de Fuzileiros dos Açores

Jantar de Confraternização

Ponta Delgada, 27 de fevereiro de 2020

Num dos primeiros artigos para a nossa Revista, tive oportunidade de escrever sobre um momento histórico vivido em plena Serra da Arrábida, no icónico km 5 da N 379, em conjunto com os meus camaradas fuzileiros do 18.º CFORN, onde as emoções de outrora regressaram, porventura mais contidas, trazidas pelas recordações de tempos difíceis, mesmo agrestes. Fazia eco de uma juventude adiada e com futuro incerto. Da sujeição a uma guerra injusta. E aditava, *“pese tudo isto, julgo que interpreto o ideário colectivo: VALEU A PENA SERVIR A MARINHA! Porque nos ajudou a crescer. Porque nos transmitiu disciplina, rigor e sentido de responsabilidade. Mas, acima de tudo, porque nos permitiu conhecermo-nos e tornamo-nos amigos. Nalguns casos, cúmplices mesmo. Por isso estamos aqui. De corpo enxuto e alma quente. A rebobinar os tempos passados, particularmente os da recruta”*.

POR ISSO ESTAMOS AQUI! Foi precisamente esta postura que enfatizei numa breve intervenção pós prandial sobre algumas peripécias aquando da formação na Escola de Fuzileiros, já lá vão 49 anos. Estas recordações de tempos idos, uns eivados de dificuldades, outros porém de boa onda e são camaradagem, atravessaram as memórias dos presentes que, acenando afirmativamente com as cabeças, desejavam significar que, também eles, foram protagonistas ou testemunhas vivas de muitas das situações ali contadas. Afinal, cada um a seu modo, independentemente

das idades, viveu o “espírito fuço” e soube transportá-lo para além dos muros da instituição militar, fazendo com que convívios como o que estávamos a viver, vão perdurando através dos tempos, sempre com a mesma vontade e alegria.

O último convívio tinha acontecido precisamente há dois anos, espaço demasiado longo para quem tem sede de reencontro e dele dei conta na nossa Revista de Novembro de 2018. Tal como naquela altura, também agora alguém tomou as rédeas da organização, neste caso o João Góis, oficial da Polícia Marítima e as redes sociais ajudaram no resto. Anuindo ao princípio de que “em equipa que ganha não se mexe”, o jantar de confraternização voltou a ter lugar no restaurante “Sunset Beach”, um belo espaço que, como o nome indica, se situa mesmo juntinho ao mar, na praia do Pópulo, em Ponta Delgada. A organização aprimorou-se para que todos nos pudéssemos sentir em casa, daí que uma mesa bem composta com um quadro alusivo, a cresta da Associação de Fuzileiros (AFZ), o bote e a boina azul ferrete fosse encimada pela bandeira da AFZ, colocada bem em destaque. Belo cenário para a indispensável foto de grupo, testemunho de mais uma jornada que prometia!

O nosso grupo ilhéu é bastante heterogéneo na sua génese, mas dotado da força agregadora que faz com que o impulso de convívio e partilha seja responsável por momentos como o que vivemos. Nele há de tudo: agentes da Polícia Marítima, agentes da PSP, inspetores da PJ, oficiais



de Marinha, ex-oficiais FZ e até um antigo marinheiro que foi mestre de rebocadores e meu subordinado nos tempos idos de setenta. Uns no activo, outros reformados. Uns jovens, outros já entradotes. Entre a casa dos trinta aos setenta e tais, o que desde logo estimulou o convívio intergeracional, numa salutar miscelânea de juventude e veteranaria.

Como não podia deixar de ser o ponto forte foi o jantar. Nas sempre apreciadas “entradas”, sobressaíram a saladinha de polvo e o queijo fresco da ilha. Seguiram-se filetes de melga com arroz de tomate e um generoso naco de vitela à casa. Para sobremesa imperou o cake de chocolate envolto em molho do mesmo. Tudo bem acompanhado com vinhos do Douro. Regista-se, em abono da verdade, a simpatia e profissionalismo do pessoal de restauração que, na sua quota-parte, contribuiu para que o repasto tivesse merecido nota positiva e o conseqüente agrado dos comensais.

Conforme os estômagos se iam saciando, a cavaqueira, de amena foi-se adensando para níveis de poluição sonora digna de gente marinheira, com os “senadores” a puxarem os galões das “façanhas” de outrora, em contraponto com a curiosidade reverencial dos mais novatos. E nesta onda de boa disposição, o João Góis, usando o estatuto que a sua forte envergadura lhe confere, fez-se ouvir na vontade e empenho para que estes convívios



não morram. Do mesmo passo, agradeceu a presença dos camaradas que souberam corresponder à chamada, incentivando-os a trazer para o grupo os que possam entretanto aportar à ilha ou os que porventura ainda permaneçam silenciosamente “tresmalhados”.

Aproximando-se a altura de zarpar, a jornada ficaria incompleta se não ecoasse de forma bem sonora o “grito dos fuzileiros”. Para além do genuíno simbolismo, este acto simples está no código genético daqueles que, tendo usado ou não a boina azul ferrete, souberam interpretar e transportar para a sua vida o lema “Fuzileiro uma vez, Fuzileiro para sempre”. À voz bem timbrada do André Caetano, na

condição de mais “marreta”, juntaram-se as vozes dos presentes, em momento sempre emotivo “Fuzos! Prontos! Do mar prá terra! Desembarcar! Ao assalto! Desembarcar! Ao assalto!”.

Como costuma dizer-se os bons momentos parece que passam demasiado depressa. E estes não fugiram à regra. Mas houve ainda tempo para um derradeiro brinde à saúde, camaradagem e sentido de convivialidade dos presentes. No aconchego dos abraços sobressaiu a promessa do reencontro no próximo ano, se possível ainda com mais camaradas. Nestes tempos conturbados, façamos votos que a promessa se cumpra, pois a vontade nunca esmorecerá.

PS: Este convívio aconteceu a 27 de Fevereiro. Porventura uma semana depois já não teria acontecido. Porque entramos em guerra com um inimigo invisível, traiçoeiro e perigoso. Escrevo este artigo em pleno “confinamento social”, ainda longe do achatamento da curva estatística que nos poderá trazer algum conforto psicológico. Como noutras ocasiões, iremos vencer mais esta provação, com a convicção que sendo a mais forte de todas, requererá um esforço colectivo sólido, corajoso e solidário. Está na génese do nosso povo.

Adelino Couto
Sóc. Orig. n.º 977

Esta rubrica deveria continuar a noticiar os inúmeros encontros/convívios das Antigas Unidades de Fuzileiros que normalmente ocorrem nesta época do ano.

Pelas razões que de todos conhecidas, essas manifestações de camaradagem e de convívio tiveram de ser adiadas ou mesmo canceladas.

No entanto, “O Desembarque” quis dar nota de alguns textos que lhe chegaram e que, refletindo a realidade actual, são prova inequívoca de que, apesar de o encontro físico não ter sido possível, as antigas Unidades FZ continuam vivas.

O Desembarque

Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 10 Angola 1969-71

Caríssimos Amigos, Velhos e Bons Camaradas
O meu primeiro desejo é que estejam bem de saúde e firmes na vontade de tudo fazerem para assim continuar. Continuo a pensar que ainda somos necessários aos nossos familiares mais próximos e aos Amigos, com quem partilhámos percursos importantes da nossa caminhada. Também, é positivo continuarmos a partilhar quadros de vida, de boa memória, que decidimos prosseguir.

Este ano não iremos partilhar o nosso dia de sã Camaradagem em Abril, como vem acontecendo em cada ano e que leva meio século, desde o início da nossa passagem por terras do Leste angolano, já bem dentro do coração africano. A nossa caminhada continua serena, perfeitamente conscientes de que fizemos bem. Nunca deixámos de manter espírito de humanidade, na circunstância então vivida, venho afirmando-o vezes sem conta.

Este ano, anotaríamos a falta do nosso António Palma, homem digno, que na sua atitude de salutar jovialidade e algum traço de rebeldia, fazia questão de nos aparecer com a sua boina de origem, onde apenas penetravam as boas recordações. Aquela boina ajustava-se ao sentimento de orgulho e ao espírito da primeira hora de uso. Foi aquela boina, já com pouco de azul ferrete e aquele rapaz, que me impulsionaram a referi-lo ao Comandante da Escola de Fuzileiros em Abril passado, como símbolo da nossa orgulhosa veteranaria de 50 anos da partida, quando foi colocada



uma placa alusiva à efeméride, no nosso *Memorial do Fuzileiro*. O Palma estava bem, com o sorriso matreiro que lhe conhecíamos. Foi a última vez e, quanta mágoa senti, por não ter chegado a tempo ao seu - até sempre...

A nossa Lúcia esteve presente, com o seu sorriso e aquela voz, imutáveis. Continuo a pensar que ela, apenas tenuemente, acreditará no quanto fez pelo lado bom de um punhado de jovens combatentes, num cenário de guerra em que veio ter connosco e que depressa nos conquistou, para sempre.

Não vejo melhor maneira de completar esta mensagem, do que (re) escrever um pequeno excerto do *toque a reunir* do nosso convívio dos 50 anos, juntando-lhe as duas imagens, então em falta, que todos recordarão em mil episódios diferentes. A imagem daquela ponte, foi um marco na nossa partida-chegada-partida para o combate. Para os helicópteros, para as viaturas, para os botes, para o *Nord-Atlas*, para o comboio, o próprio, que vinha de Benguela e penetrava *República Democrática do Congo* adentro, desde 1899, pasme-se!

.../...

«... Cumpriram-se 50 anos desde que partimos para paragens então desconhecidas. Por 2 anos, a Nação chamou-nos a cumprir uma missão que, se por um lado nos levava ao combate e à guerra, por outro lado, nos exigia a protecção das populações locais e o apoio às mais variadas formas de zelar pelo Bem-estar das mesmas.



Já por várias vezes afirmámos que cumprimos bem, recordando vários exemplos vividos em comum. Bem-estar das populações, foi o que afirmei.

Lembram-se do apoio médico e dos cuidados de saúde aos cerca de 5.000 habitantes do nosso *Quimbo*? Lembram-se das acções de fomento ao desporto? Lembram-se quando o nosso *Imediato* obrigou o comerciante civil branco da região, o *xô Fonxeca*, a não especular preços na venda de produtos na sua mercearia onde, naturalmente, não escapava o preço da cerveja? Lembram-se como pagávamos, na hora, justo valor pelos calções e pelas roupas que as mulheres do *Quimbo* nos aprontavam e tratavam? Lembram-se como o *design*, impresso nos tradicionais *panos do Congo* nos assentava bem? Lembram-se quanto foram invejados quando nos apresentámos nas praias, no Verão de 71, já no conforto nas nossas terras?

Éramos jovens e integrámos tudo isto, em combates que julgávamos justos. Tivemos mazelas e feridos graves, mas regressámos todos. Ainda me lembro da despedida daquela gente, que nos reconhecia como elemento protector. O choro que me fez chorar. Mas, também recordo da descarga dos carregadores das nossas

G-3, na ponte sobre o *Lungué-Bungo*, sinónimo de toda uma descarga emocional colectiva, que nos aproximava do regresso às nossas terras e ao seio dos nossos familiares e amigos.

Vamos comemorar **50 anos**. Vamos fazer a 2.^a chamada aos que vão faltando, alguns já com falta de forças. Vamos saber como buscá-los. Merecemos continuar a abraçar-nos.

..!...

... E, continuaremos a merecer abraçar-nos. Não desarmem. Peço-vos que preparem pequenos textos, desde já, juntem fotografias. Ainda vamos a tempo de escrever sobre o nosso *Destacamento*. Temos o nosso *Imediato* recuperado. Temos a D. Jaqueline connosco. Temos a Lúcia. Temo-nos a nós. Desta vez não vamos faltar ao compromisso. Desta vez vai haver correspondência por períodos mais cutos. Teremos o *e-mail* de cada um, nem que seja através de netos.

Será esta, a nossa última missão no colectivo. Vou solicitar à nossa revista "O Desembarque", para publicar esta mensagem.

Por agora cuidem-se. Ainda fazemos falta aos nossos familiares e aos nossos Amigos. Ainda fazemos bem, agora em grupo mais restrito. Sabemos como aguentar. Foi essa a maior fatia do esforço despendido nas nossas vidas. Saberemos incentivar os que nos renderam na *Missão*. Haveremos de ultrapassar mais uma tormenta, ainda que esta não seja directamente visível.

Torno esta mensagem extensível a todos os Veteranos. Aos Fuzileiros que, ainda e sempre, continuam a dizer - Presente.

Despeço-me até lá, com as tais 2 imagens que recordamos por muitas boas razões.

Hernâni Vidal de Rezende

CMG FZ

Versátil & Transversal Unip. Lda.
Reparação e Manutenção Informática

Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre 37B 2830-080 Barreiro
www.versatil-e-transversal.pt - 96 432 79 38
geral@versatil-e-transversal.pt

Sócios AFZ e Familiares
Desconto de 25%
em reparações

Desconto de 10% em
consumíveis e equipamentos

Janotas & Simões, Lda.
Mármore

17.000 metros área total - 6.500 área coberta

Estrada de Cortegaça • Lote 158 • Fação • 2715-020 Pero Pinheiro • PORTUGAL • Telef.: 21 927 99 08 • 21 967 12 29 • Fax: 21 927 01 62
email: domingosjanota23@hotmail.com • ruijanota@mail.telepac.pt • internet: www.janotas.com

Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 10

Moçambique 1974-75

Tudo se preparava para que o DFE 10 Moçambique 1974/75 voltasse a terras de Salvaterra. Com a colaboração do João Ferreira “O Benavente” estava a ser desenhado um programa que incluía a visita a Salvaterra, ao contacto com a arte da falcoaria e um almoço para reviver uma anterior visita ao famoso restaurante “Escaroupim” onde o DFE já foi muito bem acolhido.

A Pandemia não o permitiu e, assim ficaram por recontar as histórias mil vezes repetidas do “Benjamim Falcão e suas tropas destruidoras”; dos jacarés do rio Zambeze e da sua enorme amizade com o Lázaro; dos tiroteios espontâneos que ponham toda a gente em cuecas nos abrigos; da parceria e grande amizade estabelecida com cobras e lagartos com quem o DFE partilhava o espaço; das caçadas necessárias para a sobrevivência do pessoal; da troca de serviços com a população local tão importante

para a nossa sobrevivência; das meditações transcendentais de alguns camaradas; do “Alfa, Bravo, Romeu, Alfa, Charlie, Oscar” dos camaradas Tagarro e Costa, todos os dias emitidos para Tete; do histórico convívio inopinado com grupos da Frelimo já no pós-guerra e principalmente os gritos lancinantes da população ao presenciar o nosso abandono da posição e a forma como, com os filhos pela mão e aos gritos lancinantes, acompanhara a coluna de viaturas durante vários quilómetros de picada até que as forças lhes faltaram. Que será feito destas pessoas?

Estas histórias deveriam ter sido ouvidas pela centésima vez no passado dia 16 de Maio de 2020 em Terras de Salvaterra, não fosse a COVID 19.

Ficarão para o ano... ficarão para sempre!

Benjamim Correia



Bandeira içada no Magoé Velho



O Benavente com a população

Um mundo de soluções para o seu lar...

gorenje **MJM** MANUEL J. MONTEIRO **Junex**

Estrada das Palmeiras, 55 | Queluz de Baixo 1004 | 2734-504 Barcarena | Portugal | T. (+351) 214 349 700 | F. (+351) 214 349 754 | www.mjmm.pt

VILLA PINHAL NOVO
RESIDÊNCIA PARA IDOSOS

PINHAL NOVO | BARREIRO
VENHA PASSAR O DIA NA NOSSA COMPANHIA
E VENHA CONFIRMAR A NOSSA QUALIDADE...
WWW.VILLAPINHALNOVO.COM

Aqui se presta homenagem aos que nos deixaram



A Associação Nacional de Fuzileiros e a Revista “O Desembarque” apresentam sentidas condolências às Suas Famílias, publicando-se as respectivas fotografias que correspondem às que encontramos nos nossos ficheiros.

Estes nossos Camaradas e Amigos permanecerão para sempre entre nós!



Jorge da C. Correia Lopo
Ex-Sócio n.º 657
1MAR FZ 17761
(15-12-1942 a 06/05/2020)



José Lourenço de Jesus*
1MAR FZE 296570
DFE11 Moçambique 1972/74
(20-07-1949 a 04-02-2020)

* Este Fuzileiro não era sócio não havendo fotografia.
Publicado a pedido expresso do Sócio n.º 113 SMOR Manuel Charrua.

diversos

Novos Sócios

Nome do sócio	N.º
Francisco do Carmo Glória Messias	1306
Christofhe Alexandre Jerónimo Galão da Silva	1307
Martinho Reis Carolino	1308
António Manuel da Luz Carapinha	1309
Fernando João do Carmo Morais	1310
Frederico José Martins Costa	1311
Manuel Duarte Nunes Samarra	1312
Francisco Ferreira da Costa Rios	1313
Aprígio da Silva Ferreira	1314
Márcio Fernando Mendonça Costa	1316
Teodoro Pedro Cardoso Miranda Velho	1317
João Sabina Ramos	1318

Donativos à AF

Nome do sócio	N.º	Donativo
Carlos Barroqueiro	975	10,00 €
Alberto Conceição Rodrigues	564	10,00 €
Manuel Esteves Romana	740	100,00 €
Manuel Santos Amaral	134	10,00 €
Alberto da Silva Soares	1270	50,00 €

PROTOCOLOS / PARCERIAS COM A ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS

Agência de Viagens – Mercado das Viagens	5% pacotes turísticos sobre o preço de catálogo e de promoções; 4% nos preços base de estadias - hotéis e apartamentos - Portugal e estrangeiro; 50% despesas de emissão de bilhetes de avião. Oferta das despesas de reserva
V & T, Versátil e Transversal, Lda.	25% Reparações, Formatações e Reinstalações 10% Consumíveis e Equipamentos Informáticos e outros
Farmácia da Recosta	Desconto 10%, excepto em produtos em campanha, Produtos da Diabetes, Leites Infantis e Medicamentos com valor superior a 50 €
Clube de Campismo do Barreiro (CCB)	Instalações do Parque de Campismo dos Picheiros: 20% desconto sobre tabela em vigor
Instituto Médico Dentário do Barreiro (IMDB)	Descontos (10%, 20%, 30%) sobre a tabela de preços em vigor e anexa ao protocolo
Sociedade de Tiro do Porto	Protocolo para a utilização da Carreira de Tiro do Complexo Desportivo de Rates (CTCDR)
Clube Pinhal da Foz (CPF)	Apartamentos Turísticos (Época Baixa -25%, Época Média -20%, Época Alta -15% e -10%)
High School Academy	Uma propina mensal 15% e 100% no valor da inscrição Duas ou mais propinas mensais 20% e 100% no valor da inscrição
KéroCuidados	Presta Serviços a Idosos e Famílias
Open Smile	Clínica Médica – Presta Serviços Médicos, inclui Médico Dentista
Associação Recreativa e Desportiva Bons Amigos (ARDBA)	Convívio Social e desenvolvimento de diversas Modalidades Desportivas
Grupo Desportivo e Recreativo Unidos da Recosta (GDRUR)	Convívio Social e desenvolvimento de diversas Modalidades Desportivas
Editora Náutica Nacional, Lda. (ENN)	Editora de Capitais privados – Edita a Revista de Marinha e também livros
Manuel J. Monteiro & C.ª, Lda. (MJM)	Especializada na Comercialização de Eletrodomésticos, representa as Marcas: Junex, Vaillant, Gorenje, Dito Sama, Gisowatt e Stiebel Eltron
Funerária Central	Vila Chã, Barreiro - 30% desconto em todos os serviços
Associação Nacional de Agentes de Segurança Privada (ANASP)	Formação e Credenciação
Casa de Repouso São João de Deus	Acolhimento em regime interno, possui dois estabelecimentos: Lagoa da Palha - Pinhal Novo e Cabeço Verde - Barreiro
Casa de Repouso Quinta da Relva	Acolhimento de idosos, lar e cuidados continuados (Pessoas com Alzheimer, Parkinson, doenças psiquiátricas) - Alenquer
MH Wellness Club – Motricidade Humana	Prestação de Serviços na área do desporto, saúde e lazer: Santo André - Barreiro
GAMMA	Grupo de Amigos do Museu de Marinha
Universidade Lusófona	COFAC – Cooperativa de Formação e Animação Cultural – Lisboa e Porto 10% desconto nas propinas
Universidade Lusófona	ISES – Instituto Superior de Segurança - Conferências
Funerária São Marçal	Desconto 20%, Canha - Montijo

Para mais pormenores, deve ser consultado o site da AFZ, o Secretariado Nacional (Tel.: 212 060 079 – Tlm.: 927 979 461) ou as nossas Delegações



Fuzileiro uma vez
fuzileiro para sempre

